

# ILUSTRAÇÃO



MARQUÊS DE POMBAL — Reedificador de Lisboa

(Desenho de António Carneiro)



INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

# Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA  
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM  
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS  
**O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA**

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

**Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta**

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

## MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária  
Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA



**À VENDA**a 3.<sup>a</sup> edição, corrigida, de**O Romance de Amadis**

reconstituído por Afonso Lopes Vieira

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado..... 15\$00  
Pelo correio, à cobrança ..... 16\$50Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 5.<sup>a</sup> edição actualizada  
DE**MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO**

DA Biblioteca de Instrução Profissional

pelo engenheiro João Emílio dos Santos Segurado

Considerações gerais, Pedras de construção,  
aviamentos, cal, areias, pozolanas, gessos e  
produtos cerâmicos, madeiras para constru-  
ções, ferro, metais e substâncias diversas, etc.1 vol. de 558 págs., com 45 tabelas e 300 gravuras, encadernado  
em percalina 30\$00Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**COLECCÃO FAMILIAR P. B.**Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma  
falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas  
somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entreccho romântico  
sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exem-  
plos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto  
numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria  
a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após  
ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de  
filhos e escriptorio de virtudes conjugais.**Volumes publicados:****M. MARYAN**Caminhos da vida  
Em volta dum testamento  
Pequena rainha  
Dívida de honra  
Casa de família  
Entre espinhos e flores  
A estátua velada  
O grito da consciência  
Romance duma herdeira  
Pedras vivas  
A pupila do coronel  
O segredo de um berço  
A vila das pombas  
O calvário de uma mulher  
O anjo do lar  
A força do Destino**SELMA LAGERLÖF**

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado ... Esc. 8\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**ILUSTRAÇÃO**

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular .....	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada) .....	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português .....	—	64\$50	129\$00
(Registada) .....	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias .....	—	64\$50	129\$00
(Registada) .....	—	69\$00	138\$00
Brasil .....	—	67\$00	134\$00
(Registada) .....	—	91\$00	182\$00
Outros países .....	—	75\$00	150\$00
(Registada) .....	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

**VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA****À VENDA**A 5.<sup>a</sup> edição, de novo revista

10.º MILHAR

**SENHORA DO AMPARO**

POR

**ANTERO DE FIGUEIREDO**Da Academia das Ciências de Lisboa  
e da Academia Brasileira de Letras

DOIS PERFIS:

- Um curandeiro de obsessos.
- Um cura de almas.

1 volume de 250 págs. broch. .... 12\$00  
encad. .... 17\$00

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



## Obras de ALEXANDRE HERCULANO

<b>O Bôbo</b> (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado.....	10\$00
<b>Eurico, o presbítero</b> , (Romance). — 388 páginas, brochado.....	10\$00
<b>O monge de Cister</b> , (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado	20\$00
<b>Lendas e Narrativas</b> — 2 vols. com 667 páginas, brochado.....	20\$00
<b>História de Portugal</b> (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado.....	96\$00
<b>Estudos sobre o casamento civil</b> — 284 páginas, brochado	10\$00
<b>História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal</b> — 3 vols., 1.139 páginas, brochado.....	30\$00
<b>Composições várias</b> — 374 páginas, brochado.....	10\$00
<b>Poesias</b> — 224 páginas, brochado.....	10\$00
<b>Cartas</b> (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado.....	20\$00

**Opúsculos :**

Vol. I <i>Questões públicas</i> — tomo I, 311 páginas	
» II <i>Questões públicas</i> — tomo II, 341 páginas	
» III <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo I, 339 páginas	
» IV <i>Questões públicas</i> — tomo III, 300 páginas	
» V <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo II, 323 páginas	
» VI <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo III, 309 páginas	
» VII <i>Questões públicas</i> — tomo IV, 294 páginas	
» VIII <i>Questões públicas</i> — tomo V, 324 páginas	
» IX <i>Literatura</i> — tomo I, 295 páginas	
» X <i>Questões públicas</i> — tomo VI, 310 páginas	
Cada volume, brochado.....	10\$00

**Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem**, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado..... 12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## Obras de AQUILINO RIBEIRO

<b>ANATOLE FRANCE</b> (Estudo) — 79 págs., brochado.....	5\$00
<b>ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES</b> — 356 págs. brochado..	12\$00
<b>ESTRADA DE SANTIAGO</b> (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado.....	12\$00
<b>FILHAS DE BABILÓNIA</b> (Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado.....	12\$00
<b>O HOMEM QUE MATOU O DIABO</b> (Romance) — 353 págs., broch. ....	12\$00
<b>JARDIM DAS TORMENTAS</b> (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado .....	12\$00
<b>TERRAS DO DEMO</b> (Romance) — 332 págs., brochado.....	12\$00
<b>VIA SINUOSA</b> (Romance) — 360 págs., brochado .....	12\$00
<b>A BATALHA SEM FIM</b> (Romance) — 308 págs., brochado...	12\$00
<b>AS TRES MULHERES DE SANSÃO</b> (Novelas) — 268 págs., brochado .....	10\$00
<b>MARIA BENIGNA</b> (Romance) — 286 págs., brochado.....	12\$00
<b>É A GUERRA</b> — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado .....	12\$00
<b>ROMANCE DA RAPOSA</b> , 2. <sup>a</sup> edição muito remodelada, com ilustrações de Benjamin Rabier, 1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a cores em hors-texte e capa a cores.....	15\$00
<b>ALEMANHA ENSANGUENTADA</b> , 1 vol. de 312 págs., broc.	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

# ESTÁ À VENDA O ALMANAQUE BERTRAND

para **1936**

37.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

*Único no seu género*

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa

**RECREATIVO E INSTRUTIVO**

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

**LIVRO MUITO MORAL**

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas

**PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS**

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tódas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 407 gravuras, cartonado ..... **10\$00**

Encadernado luxuosamente ..... **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



**UM ROMANCE FORMIDÁVEL!**

# SEXO FORTE

por **SAMUEL MAIA**

**3.<sup>o</sup> ed.** Este romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neuriatra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escritores contemporâneos — *Júlio Dantas*.

1 volume de 288 páginas, broch. . . . . **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

## OBRAS DE AGOSTINHO DE CAMPOS

- Alguns aspectos da literatura portuguesa**, por Aubrey F. G. Bell (tradução), br. . . . . 3\$00
- Comentário leve da Grande Guerra:**
- I — *Europa em guerra* (esgotado).
- II — *O Homem, lobo do Homem* — 304 págs., br. . . . . 10\$00
- III — *Portugal em Campanha* — 299 págs., br. . . . . 10\$00
- IV — *Latinos e Germanos* — 319 págs., br. . . . . 10\$00
- V — *A Carranca da Paz* — 316 págs., br. . . . . 10\$00
- Ensaio sobre educação:**
- I — *Educação e Ensino* — 317 págs., br. . . . . 10\$00
- II — *Casa de Pais, Escola de Filhos* — 248 páginas, br. . . . . 10\$00
- III — *Educar, na Família, na Escola e na Vida* — 352 págs., br. . . . . 10\$00
- IV — *A mãe de todos os vícios* — 293 págs., br. . . . . 10\$00
- Homem (O), a ladeira e o calhau** — br. . . . . 10\$00
- Jardim da Europa**. — br. . . . . 10\$00
- Ler e tresler**. — br. . . . . 10\$00
- Lição moral e cívica**, dada perante os alunos do Liceu Pedro Nunes, no primeiro aniversário do assassinio do Presidente Sidónio Pais . . . . . 3\$00
- O pintor Carlos Reis**. — 1 fol. formato grande . . . . . 4\$00
- Três prosas (As) — A pobre, a rica e a nova rica**. — 64 págs., br. . . . . 3\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda o 3.<sup>o</sup> milhar da

## ALEMANHA ENSANGÜENTADA

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 volume de 312 páginas, com capa ilustrada do pintor Roberto, brochado . . . . . **12\$00**

Um livro destinado a um grande successo, pois ao nome glorioso do brilhante escritor português, se alia o tema, sempre interessante da Grande Guerra. — A vida alemã. — Berlim. — Da guerra para a paz, soberbamente descrita por **AQUILINO RIBEIRO**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um livro patriótico que desperta nas crianças o gosto pela História

## PORTUGUESES DE OUTORA

HISTÓRIA DE PORTUGAL CONTADA POR CRIANÇAS

POR **MARIA PAULA DE AZEVEDO**

Ilustrações de **MAMIA ROQUE GAMEIRO**

**2.<sup>a</sup> EDIÇÃO**

1 vol. de 184 págs., ilustrado com 19 gravuras no texto e capa a cores . . . . . **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA



## Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado .....	10\$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado...	12\$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado .....	14\$00
ESPAÑA — Nova edição.....	no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado.....	12\$00
LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado.....	12\$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch.	3\$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado.....	12\$00
SENHORA DO AMPARO — 250 págs., brochado.....	12\$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — <i>Índice:</i> Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones, A Alcáçova da Saúde — As "Sabatinas" na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys" — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Trevia! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado.....	10\$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado.....	12\$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.	
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.	
MIRADOURO, Tipos e Cases — 320 págs., brochado.....	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## Eu rejuvenesci 10 anos

V. Ex.<sup>a</sup> pode fazer o mesmo



Formidável descoberta de beleza  
feita por um médico

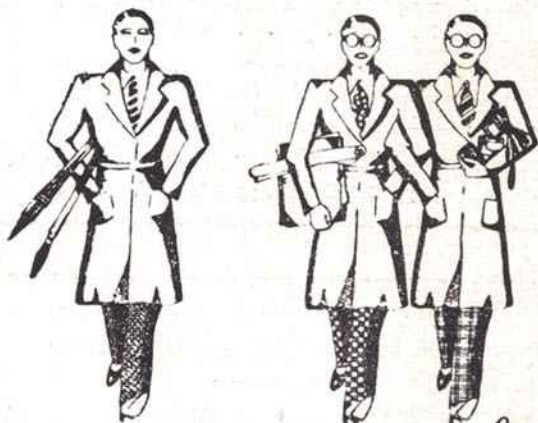
Agora é fácil branquear, refrescar e rejuvenescer uma pele estragada e envelhecida. Finalmente a Ciência descobriu um elemento vital e rejuvenescedor para a pele. Quando o fazemos introduzir nos tecidos, por um movimento vibratório, as rugas desaparecem, os pontos dilatados somem-se. Este elemento vital e rejuvenescedor, obtido de animais novos, está, presente e exclusivamente, contido no Creme Tokalon. A sua acção embelezadora e tónica, sobre a pele, dá esse esplendor de saúde e de juventude emanando dos tecidos sub-cutâneos, que adorna, até o rosto mais feio, com uma beleza das mais surpreendentes.

Aplicar o Creme Tokalon. Alimento para a Pele, Cór de Rosa, à noite antes de se deitar. Alimenta e rejuvenesce a sua pele durante o sono. Aplique o Creme Tokalon. Alimento para a Pele, Cór Branca (não gorduroso), de manhã. E branqueador e adstringente; refresca-lhe o rosto durante todo o dia e torna o pó aderente. Por muito mau que seja o estado da sua pele e do seu rosto, V. Ex.<sup>a</sup> ficará surpreendida e encantada com os resultados obtidos e nunca sonhados nos seus mais lindos sonhos. Garantem-se os melhores êxitos, porque, em caso contrário, restituir-lhe-íamos o dinheiro do custo.

À venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva ao Depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na vlt da correio.

## GRAVADORES

## IMPRESSORES



TELEFONE  
2 1368

**BERTRAND**  
**IRMÃOS, L<sup>DA</sup>**

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

## Obras de Afonso Lopes Vieira

<b>Animais nossos amigos.</b> — Com ilustrações de Raul Lino. Edição de luxo, 1 vol. cart. 50\$00. Edição popular, 1 fol. br. ....	5\$00
<b>Bartholomeu marinheiro.</b> — Com ilustrações de Raul Lino, 1 vol. cart. 16\$00; br.	10\$00
<b>Canto (O) coral e o orfeon de Condeixa.</b> — Conferência .....	2\$00
<b>Diana (A)</b> , de Jorge de Montemor. Em português. 1 vol. luxuosamente enc. 60\$00; em percalina 15\$00; br.....	10\$00
<b>Gil Vicente.</b> — Conferência .....	4\$00
<b>Paiz lilás, desterro azul.</b> — 1 vol. enc. 12\$00; br.....	7\$00
<b>Poema do Cid.</b> — Tradução. 1 vol. enc. 15\$00; br. ....	10\$00
Ed. especial enc. de luxo, exemplares numerados, 100\$00.	
<b>Relatório e contas da minha viagem a Angola.</b> — 1 fol. br. ....	5\$00
<b>Romance (O) de Amadis.</b> — Composto sobre Amadis de Gaula, de Lobeira (3. <sup>a</sup> ed.) 1 vol. br. ....	15\$00
<b>Santo Antonio.</b> — 1 vol. enc. de luxo, 100\$00; em percalina, 15\$00; em br.....	10\$00
<b>Versos (Os)</b> , de Afonso Lopes Vieira, enc. em percalina, 20\$00; br.....	15\$00

Pedidos à **Livraria Bertrand**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



PROPRIEDADE  
DA LIVRARIA  
BERTRAND

REDAÇÃO E  
ADMINISTRAÇÃO:  
RUA ANCHIETA, 31, 1.º  
TELEFONE: —  
2 0535

N.º 238 — 10.º ANO  
16-NOVEMBRO-1938

# ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa  
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

**H**á 17 anos que o Armistício vem sendo festejado por todas as almas sedentas de sossego que, horrorizadas pelos terríveis massacres da Grande Guerra, julgaram

vêr o fim de tantas calamidades.

No entanto, o Armistício, longe de significar uma paz duradoura, quer apenas dizer «interrupção de combates», «suspensão de hostilidades», «tréguas entre exércitos beligerantes».

A falta de melhor, essa paralisação de chacinhas, embora sem se saber por quanto tempo, foi aceita de braços abertos por todos os povos sem excepção.

Ninguém quer a guerra, e, no entanto, todos a fazem.

A Paz, a doce Paz tão ardentemente desejada, não estende francamente as suas asas serenas sobre os homens porque todos se empenham em afugentá-la.

O homem ha-de desejar sempre devorar o seu semelhante, com todos os requintes que a civilização lhe concede.

Quando os médicos legistas descobriram a infabilidade do processo das impressões digitais, logo apareceram mil maneiras de neutralizar a curiosa descoberta, desde o simples uso das luvas de borracha à aplicação de pele de qualquer cadáver aos dedos do criminoso que pretendesse esquivar-se à investigação policial.

Cofres fortes com segredos complicados?

E para quê, se surgiram, logo após, processos aperfeiçoadíssimos para cortar chapas de aço de muitos centímetros de espessura como se fossem pedaços de sabão?

Se os sábios descobrem a maneira de envenenar o ar com gases mortíferos, transportados no seio das granadas, logo outros sábios inventam as máscaras que preservam das terríveis emanções, acrescentando, por sua vez, um melhoramento ao canhão anti-aéreo que possa destruir dez ou vinte aviões no curto espaço de um minuto.

Se, em pleno mar, um engenho tece uma rede que suste os torpedos na sua trajectória destruidora, logo outro engenho fabrica a tesoura para cortar os

elos emaranhados dessa rede de aço, como se fossem liços de teia.

E, como se não bastasse, o homem, arvorado sempre em lobo do homem, idealiza o *raio verde*

qualquer potência, ter lhe-ia sucedido pior. E, no fim de contas, para que serviriam todas essas guerras que tem ensanguentado as fronteiras das nações desde que o homem se alcançou em dominador?

De que serviriam as portentosas victórias de Alexandre Magno, se uma simples conspiração o havia de matar

ingloriamente, naquela mesma perigosa idade que Jesus contava ao ser conduzido ao topo do Calvário? Para que serviu todo o seu esforço?

O seu império, alicerçado sobre milhares de cadáveres, argamassado com sangue de mártires e heróis, consolidado, por incêndios e devastações, desmembrou-se rapidamente, continuando o sol a doirar os horisontes à sua hora habitual.

Que vantagens conseguiu Felipe II ao tentar acrescentar o património herdado de seu pai? Quando em sonhos contemplava o seu «vasto império no qual nunca se punha o sol», estaria bem longe de supor que ele se fragmentaria como uma débil manta de farrapos que meia dúzia de mendigos disputassem desesperadamente, num egoísmo facil de compreender.

Foi sempre este o fruto das grandes conflagrações, e, no entanto, ninguém as quer evitar.

Quando da Grande Guerra, o poeta Gabriel D'Annunzio decidiu-se a prestar serviço como aviador. Uma das suas proezas — porventura a mais bela de todas — foi o «raid» que efectuou sobre a capital da Austria. Atravessando o céu azul dessa populosa cidade, D'Annunzio limitou-se a atirar do seu avião, em vez de granadas destruidoras, proclamações inspiradas e punhados de rosas.

Quantas mãos, estriando ao seio conflagrado os filhitos assustados, não teriam abençoado o generoso aviador que, podendo espalhar a morte, a destruição e o luto sobre os seus lares, lhes atirava versos tão viçosos como as flores que os acompanhavam?

Isto fez, um dia, um poeta — e foi apenas uma vez!

Quando surgirá a Paz, a doce Paz consolidada porque todos anseiam? Entretanto, festejamos o Armistício.

**Gomes Monteiro.**  
Combatente da Grande Guerra

## O 17.º aniversário do armistício

que, num segundo, destruirá uma cidade inteira com todos os seus habitantes.

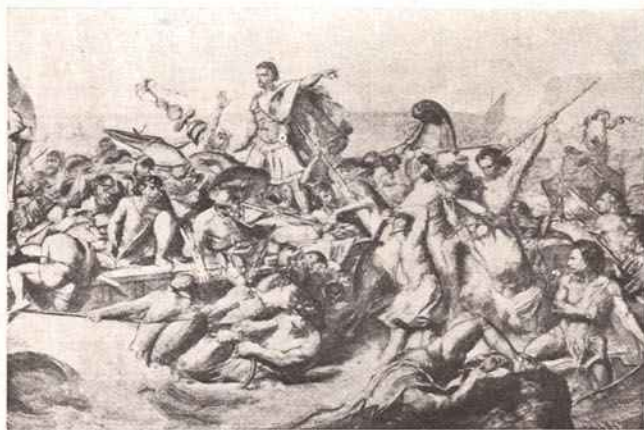
Sem embargo, fala-se em Paz, nessa Paz que todos desejam e todos combatem, nessa Paz que os constantes avanços da ciência vão tornando cada vez mais difícil sobre a Terra.

Cristo, tendo pregado a fraternidade entre os homens, com a impetuosidade juvenil dos seus trinta anos, teve como recompensa ser crucificado num madeiro.

Hoje, tomado como um espião ao serviço de







Inglaterra, bem que pese aos cé-ares modernos, é a mais forte nação do Mundo. O seu formidável império abarcando, hoje mais do que nunca, o Universo, envolve os continentes e domina os oceanos. É a força ponderada, fleumática, tremenda, inexorável. Por isso, na previsão de grandes convulsões que possam agitar o mundo, todos os olhos se concentrarão numa esperança e todos os lábios, mesmo os que não sejam anglofílos, murmurarão uma prece: *Britania super omnia!*

Atacar a Inglaterra? E para quê? Em vinte séculos — repare-se bem —

a Inglaterra foi invadida sessenta vezes, pelo menos.

Pouco antes do nascimento de Cristo, oito naus portentosas, conduzindo oito mil soldados, investiram com as terras de Dover. Júlio César, sedento de vastas conquistas, levava as águias romanas às paragens surpreendentes do Reino Unido. Apesar do prodigioso esforço do guerreiro romano, a Inglaterra manteve-se através dos tempos sem ter quebrado nunca a mínima parcela de prestígio.

Em plena era cristã, sofreu as cinquenta e nove invasões restantes, não se tendo passado um século, a não ser o XIX, sem sofrer ataques violentíssimos no seu próprio seio. É certo que, só no século XVIII foi invadida quinze vezes.

Consultando as velhas crônicas, verificamos que o domínio romano, apesar de toda a sua boa vontade e desmedida ambição, não fez grandes progressos. Os primeiros conquistadores, os verdadeiros possuidores do solo foram os saxões

Guilherme de Orange



## ELOQUÊNCIA DE O GRANDE PODER — sessenta vezes invadida

luz nas cidades. Mas não se pense que a invasão normanda terminou com a entrada do famoso conquistador. As disputas entre os seus descendentes promoveram três invasões mais. A imperatriz Matilde, à frente dum punhado de valerosos cavaleiros, apoderou-se do castelo de Arundel, e tornou-o seu reduto inexpugnável. Estalou a guerra civil entre a filha de Henrique I e os usurpadores, sucedendo-se outras invasões do território.

No século XIII os franceses invadiram a ilha dos Santos, e o Delfim de França apresentou-se à vista de Kent com seiscentas lanchas, conseguindo chegar no dia 23 de Maio de 1216 à cidade de Londres que esteve oito meses sob a sua posse.

Durante a Guerra dos Cem Anos, os franceses ocuparam, sucessivamente, os principais portos do sul da Inglaterra. Em 1386, o rei Carlos VI de França organizou com extraordinária rapidez e tacto uma grande invasão em que reuniu mais de 1.400 unidades marítimas perfeitamente apetrechadas. As naus estavam prontas a sair, impantes nas suas velas orgulhosas. Mas os ventos, que mais tarde haviam de livrar a Inglaterra dos ataques da invencível Armada dos espanhóis, dignaram-se fazer sossobrar a formidável esquadra francesa.

No entanto, a França não deixou de cubigar o território de Além-Mancha. No século XV tomou a ilha de Wight e Plymouth, invadindo o território firme durante três anos seguidos. Na sua última invasão, a França empregou 140 barcos e 12 mil homens que chegaram até Milford, e mais longe teriam ido, se o rei Henrique não se erguesse num impulso leonino, a expulsar os invasores.

Por sua vez, a Espanha tentou por quatro vezes os seus ataques pelas costas da Irlanda em 1579, em 1580 e duas vezes em 1601. A mais notável de todas foi, incontestavelmente, a planeada pela "Armada Invencível". Afirma-se que, durante oito anos, esteve Felipe II urdindo em segredo o seu plano de campanha. A semelhança dum burocrata tacaño, este ambicioso monarca pensou em todos os pormenores de somenos importância sem se ter preocupado com as dificuldades técnicas. Quando calculava ter já o vasto império britânico nas suas mãos, chegou-

## VINTE SÉCULOS DA INGLATERRA — sessenta vezes libertada

—lhe a trágica notícia de que uma terrível tempestade tinha destruído a "Armada Invencível"!

Castigo de Deus? A mística senhora Switchine declarou solenemente que "esta catástrofe fôra ordenada pelo Eterno que assim quiz castigar a soberba de Felipe II que começara por afrontar a Divina Providência chamando à sua esquadra "Armada Invencível".

O mais interessante é que até os espanhóis — entre os quais o próprio Felipe II — acreditaram nisto!

Da tremenda derrota espanhola saiu grande parte do poder naval de Inglaterra, não só naquela altura, mas até para o futuro. Com efeito, o império britânico en-

teve artes de convencer a França a tentar libertar a sua terra da tirania inglesa, pelo que seria largamente compensada. Em 1796, a França organizou uma frota de 46 navios sob o comando dos generais Hoche e Grouchy que saíram de Brest com um efectivo de 15 mil homens.

O nevoeiro separou Hoche da sua esquadra, e só 16 navios e 8 mil homens conseguiram chegar a Bantry Bay, e tão perto da costa que podiam dar a mão aos indivíduos colocados em terra. Por sua vez, o general Grouchy, com todas as suas demoras que tão caras lhe haviam de sair em Waterloo, não se decidiu a desembarcar. Esperou Hoche durante seis dias sem obter o menor resultado. Por fim, as tempestades destroçaram a esquadra, arrastando-o para o mar, desmantelada e desfeita.

No ano seguinte, o mesmo Tone foi encarregado de dirigir outra invasão para libertar a Irlanda, e mais uma vez fracassou o seu plano. A expedição era constituída por uma leva de meliantes que nada tinham que perder, e seguiam encantados com a perspectiva dum fabuloso

saque, visto que lhes estava autorizado entregarem-se à pilhagem e a todos os excessos imaginários. A "Legião Negra", como foi chamada pela cor escura do seu uniforme, dirigiu-se às costas britânicas na intenção de queimar e destruir, a ser possível, Bristol e Liverpool.

Em 27 de Fevereiro, uma parte desta expedição chegou a Fishguard, em Pembroke, sob o comando dum aventureiro americano, chamado Tate, que era o lugar-tenente de Wolfe Tone. Prepararam-se imediatamente os invasores para o saque, quando Lord Cawdor, governador da praça, tendo conseguido animar a população, se impôs aos invasores. Que vinham ali fazer? Matar? Saquear? Aquêl honrado povo deixára-os desembarcar para lhes mostrar mais nitidamente a sua generosidade. Poderia chaciná-los, mesmo a bordo, pois não lhe faltavam soldados aguerridos e armas aperfeiçoadas. Voltassem para os seus barcos, pois mal algum lhes queria fazer...

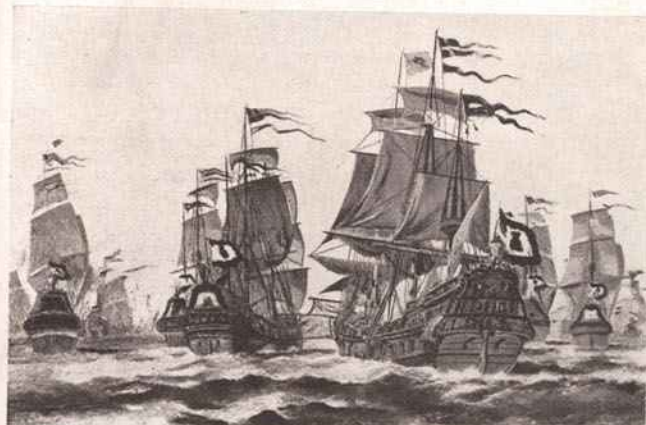
Com efeito, os invasores repararam que a praça estava enxamiada de soldados de uniforme encarnado, que ora lhes saíam ao caminho, ora os corriam através das ruas estreitas.

No fim de contas, essas fardas vermelhas, que tanta impressão tinham causado nos invasores, eram inofensivas blusas das mulheres da região... E assim se gorou um tão belo assalto!

No século XIX a Inglaterra não sofreu nenhuma invasão. A política, colocando-a a coberto de qualquer ataque, permitiu-lhe robustecer a sua marinha. As sessenta lições que recebeu através da sua longa história deram-lhe uma tal força que compensou largamente os prejuízos sofridos.

Pergunta-se: a Inglaterra pode ser invadida? É possível — quem sabe? Mas quando e por que força?

Em compensação das invasões que sofreu no seu próprio território e das quais sempre se desenvencilhou, a Inglaterra conta as que efectuou através do Mundo inteiro, formando o maior império que os séculos conheceram e os mais gloriosos heróis admiraram.



A Invencível Armada de Espanha e a sua derrota

controu-se, desde então, sem concorrentes nos mares, afirmando sempre, e cada vez mais, a sua supremacia sobre todas as armadas do Mundo.

Nos primeiros meses do reinado de Jaime II, as lutas religiosas originaram contendas navais, tendo Argyll invadido a Escócia pela parte ocidental.

Devemos ter em conta, no entanto, que não foi só a sua perícia militar que salvou o povo inglês de todas as invasões que sofreu. Nas mais críticas circunstâncias, a Inglaterra contou também com a fúria dos elementos desencadeados sempre a seu favor. Isto nada fará empalidecer a bravura indomável de Guilherme de Orange.

Nos ataques que sofreu no século XVIII destacaram-se os dirigidos por Teobald Wolfe Tone, advogado irlandês que, após uma longa digressão pela América, se recolheu à França, onde urdiu o seu plano de invasão. O irrequieto caudilho irlandês





# O HOMEM É MAIS PRIMITIVO QUE O MACACO

**Q**UE o homem descende do macaco não é difícil encontrar quem o acredite. Darwin, Lamarck e os seus continuadores estabeleceram em bases científicas essa teoria que, no final de contas, não repugna à razão humana. Com mais ou menos complexidade, os seres vivos são assim representados por uma escala que tem o seu remate no Homem, realização suprema da Criação. Esta hierarquia satisfaz a um tempo o nosso orgulho e justifica a supremacia exercida pela nossa espécie sobre o resto da natureza.

Pretender o contrário afigura-se delirante absurdo. O predomínio do Homem é um daqueles factos que não podem sofrer contestação, mesmo onde ele é mais fraco e a natureza conserva todos os seus direitos. A inteligência assegurou-lhe um lugar à parte e a ciência que com ela conquistou abriu-lhe perspectivas vastas e inesperadas. Pode descrever-se da eficácia do progresso mas é impossível negar a sua realidade.

Pois na opinião do dr. Charles Tate Regan, director do Mu-

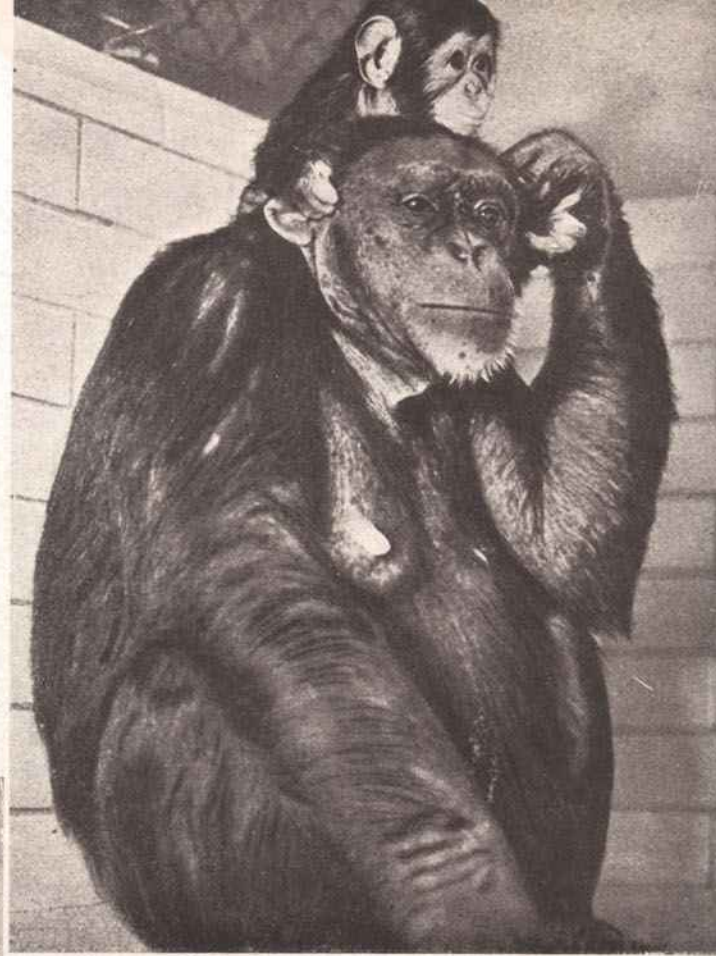


seu de História Natural de Londres, o homem, apesar de todas estas aparências, é mais primitivo do que alguns macacos.

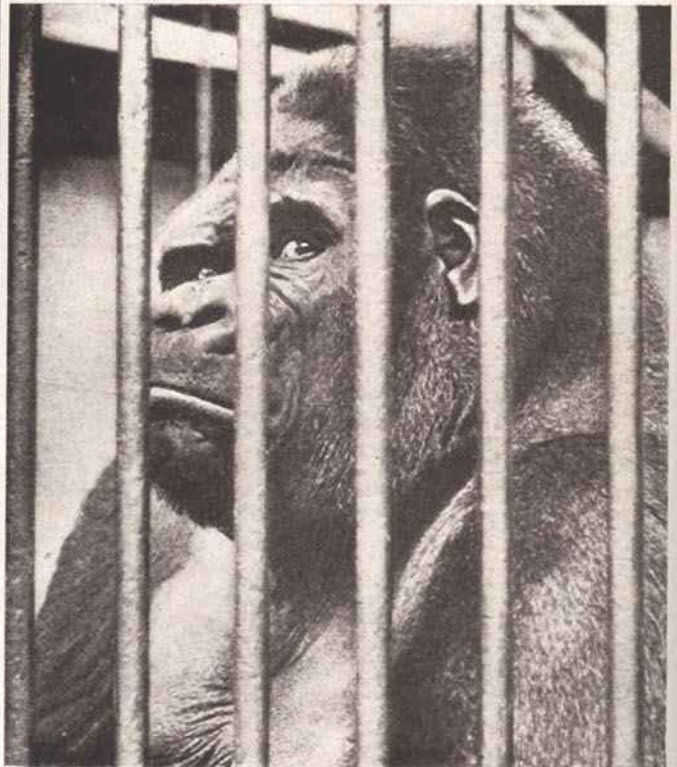
Estamos a ouvir alguns dos nossos leitores gritar com indignação. Sosseguem. O dr. Tate Regan não é um cultivador de paradoxos, nem o carácter positivo dos seus estudos seria compatível com isso. É um homem de ciência na melhor acepção do termo, que dedica grande parte do seu tempo a investigar o atraente problema das espécies. A sua afirmação, sem deixar de ser peremptória, não tem contudo a extensão que se é levado a atribuir-lhe no primeiro momento.

O homem e, de facto, mais primitivo do que alguns macacos. Mas só sob um estreito ponto de vista científico e com relação a alguns pormenores da sua configuração anatómica.

Assim, na opinião do prof. Tate Regan, o chimpanzé, o go-



nila e o orangotango não devem ser considerados como antepassados do homem. São antes ramos divergentes duma família, representada pelos macacos gibões. É feita minuciosa comparação ontológica entre estes últimos e os seus presumíveis descendentes, verifica-se que os grandes símios evoluíram mais completamente em certo sentido. Há maior semelhança entre o esqueleto do homem e do gibão, do que entre o deste e o do gorila ou do orangotango. Logo o homem é mais primitivo do que o gibão. Medite agora o leitor nesta salutar lição de humildade.





# Derrotas dos italianos e vitória dos ingleses na Abissínia



**P**ELA quarta vez no espaço dum século o solo da Etiópia é pisado por invasores europeus. Os primeiros a ali entrar foram os ingleses em 1847 sob o comando de sir Charles Napier. Tão bons guerreiros como diplomatas, a sua expedição punitiva contra o negus Theodoros III foi coroada de êxito fulminante e terminou com a tomada de Magdala e o suicídio do audacioso imperador que não hesitara em pôr a ferros todos os súbditos britânicos incluindo o consul. Em 1884, os italianos empreenderam por sua vez uma campanha destinada a impor um protectorado à Abissínia. A-pesar-de disporem dum material aperfeiçoado foram derrotados na batalha de Dogali, em que ficou célebre o acto dum oficial italiano que mandou os últimos combatentes voltar costas ao inimigo e apresentar armas aos mortos. Dez anos mais tarde, a Itália, sedenta de expansão, volta a invadir a Etiópia. Um êrro das cartas do Estado Maior italiano fez desta vez com que as tropas de Roma, comandadas pelo general Baratieri, fossem colhidas de surpresa num desfilieiro perto de Aduá e cacinadas.

Quasi 40 anos mais tarde, o trono do Negus encontra-se de novo em grave perigo, invadida a fronteira da Abissínia pelo mais poderoso Exército que tem operado em Africa.

**A** ESQ.: Uma cena da batalha de Dogali. Em BAIXO: A chacinna de Aduá e os ingleses a caminho de Magdala





A Europa depois de semanas de profunda inquietação, de angustiada expectativa, começa a respirar, esperançada, e começa a viver dias mais sossegados.

"Não haverá guerra," é o que todos dizem num suspiro de satisfação.

As decisões do parlamento do govêrno inglês, trouxeram um pouco de sossego. Esse parlamento que é um dos mais lindos monumentos da cidade que é a mais bela capital que há na

Europa. A' beira do Tamisa a sua fachada suntuosa mira-se nas águas turvas. Para o outro lado tem a fachada que dá para Parliament Square, tendo em frente essa jóia da architectura, que é Westminster Abbey. É um dos mais belos locais de Londres. E foi daí que veio um pouco de sossego às almas atribuladas, que viam tudo negro e esperavam a guerra.

A Inglaterra bem mereceu da humanidade, mas são sobretudo as mulheres as que mais gratas lhe estão.

A mulher não tem feitio guerreiro e ainda bem que assim é. Se o tivesse seria uma verdadeira anormalidade.

Esse ente que Deus creou, para o amor, para a paz, para fonte de vida, tem de odiar a guerra destruidora da vida, aniquiladora da humanidade.

Como é possível que uma Mãe que sofreu martírios pelo seu filho, que passou os melhores anos da sua juventude a velar pelo berço do filho, a tratá-lo nas suas doenças, a vigiá-lo nos seus estudos, noites de angústia junto da sua caminha, quando as doenças de criança o faziam sofrer, dias de ansiedade quando os exames o traziam sobressaltado e preocupado, possa ver com satisfação êsse filho atirado para uma carnificina, arris-

cado a perder a vida ou a ficar mutilado, aleijado, inutilizado para sempre?

Não, a mulher não pode nunca ter espírito guerreiro. Ela é a guardiã do lar, a vigilante que só pensa no bem estar dos seus.

Ela cria a casa, pouco a pouco, alinda-a, torna-a mais confortável para que ela seja

## A VOZ DA INGLATERRA

o ninho de todos os seus, para que os filhos se sintam bem nela, para que o marido se encontre ali melhor que em qualquer outro sítio.

A casa tem todos os seus tesouros, os móveis, alguns que lhe veem da casa paterna, as loiças, os cristais, as pratas, as roupas, êsse tesouro querido de toda a mulher, as suas roupas que ela trata, estima e venera. Pode ela pensar, que numa invasão, essa casa pode ser tomada pelo inimigo, esfacelada, saqueada, que as suas preciosidades, que só para ela o são, serão arrastadas destruídas, que uma bomba, atirada dum avião tudo pode esfacelar pulverizar, carbonizar.

E' êsse apego á casa que fez com que as mulheres francesas, não abandonassem o seu lar, quando os alemães invadiram o seu território e se sujeitassem a receber na sua casa o inimigo, a suporta-lo, a sofrer dele os maiores vexames, na esperança tantas vezes desiludida, de conservar a casa, para os ausentes, para que á sua volta encontrassem tudo o que tinham amado. E nem assim o conseguiam. Ou a casa era destruída numa retirada desesperada, ou aqueles que deviam vir alegrá-la, eram ceifados por uma bala, ou despedaçados por um estilhaço de granada.

E essas mães desoladas que ha 17 anos esperam os filhos, que não sabem se eles morreram e quem sabe se a terra os esconde em seu seio, ou se longe, amnésicos eles passam a sua vida num triste manicómio?

E eram todos esses horrores, aumentados ainda com as novas descobertas científicas, que tornam a guerra ainda mais odiosa se é possível que assustam a humanidade em perigo, e sobretudo aterravam a mulher, cuja

alma feita de sentimento e afecto mais sofre com as calamidades, que atingem os que lhe são queridos.

E na vida ha já tantas desgraças inevitáveis, que é incompreensível que sejam os próprios homens que as desencadeiem num desespero tácito de destruição, num desvairamento de alienados.

A guerra foi sempre um dos piores males da humanidade e hoje com o adiantamento da ciência, com as invenções de gases, "tanks," e outras coisas mortíferas e que podem produzir os maiores estragos, é o maior flagelo, as invenções são tantas que quasi a tornam impossível, pois seria a destruição de toda a humanidade e de toda a sua obra.

E' pois êsse o motivo que faz, com que, todos os corações se alegrem com a esperança da paz, e, que portanto a gratidão de todos se vote á Inglaterra, que com tanta serenidade e firmeza se tem imposto e assim tem contribuído, para que a paz seja mantida.

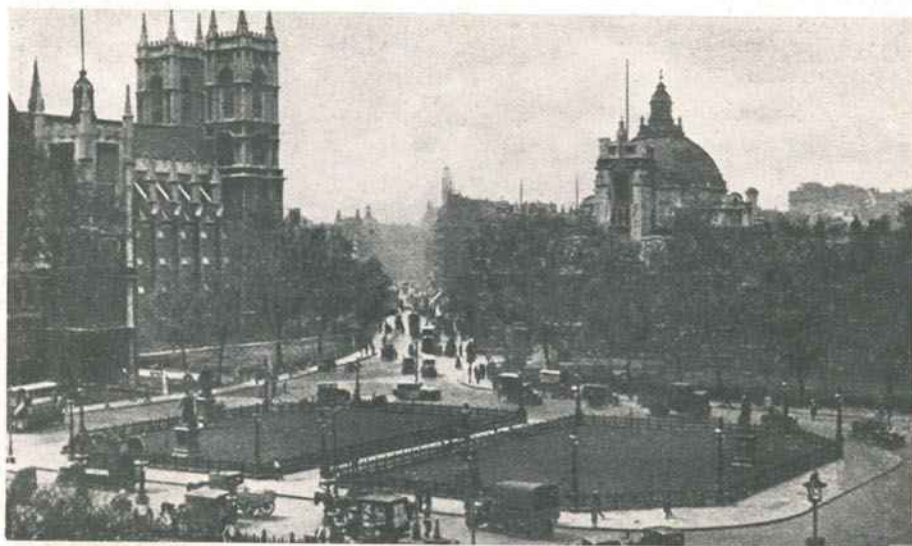
Todos os que contribuam para que a paz seja transtornada são verdadeiros criminosos, aos olhos dos seus contemporâneos, e beneméritos, aqueles que contribuem para que a paz abençoada seja mantida no mundo.

A paz é a esperança de todos e a voz que se eleva a favor da paz torna-se a voz bemdita, que vem ao encontro da maioria que anseia pelo socego é a verdadeira felicidade dos povos que assim vêem desenvolver a sua civilização.

Para a mulher todos os que desejam a guerra são os seus maiores inimigos, aquêles que atentam contra a sua felicidade que consiste no sossego dos seus e no seu bem estar.

A voz abençoada que lhe traz a paz é ouvida de joelhos, como voz de anjos, que anunciem a vida de aquêles que ela ama e que são a sua verdadeira razão de viver.

Bemdita pois seja a voz que anuncia às mulheres conflagradas, que a paz não será já perturbada.



Parliament Square, vendo-se à esquerda Westminster Abbey



A marcha das civilizações nada tem feito para melhorar a condição selvática do homem, o malvado secular que tem contribuído com a sua ferocidade racionada para organizar uma sociedade mil vezes pior do que êle.

Defender a Paz sôbre a Terra é cometer, hoje mais do que nunca, uma espantosa heresia! Acreditar na Fraternidade entre os homens é cair no mais ridículo dos disparates!

Quando o discípulo amado de Jesus se recolheu à ilha de Patmos a meditar sobre o futuro do

Mundo, tinha apenas uma ligeira noção da malvez humana. E' que, nesses tempos bárbaros, a intromissão dos romanos nas terras da Palestina, embora concedendo liberdade de culto, respeitando as leis milenárias e obedecendo até ás velhas usanças mais gratas aos judeus, a tirania de Tibério com todas as suas extorsões, e até os próprios abusos das legiões do César estavam em relação com a fraqueza tantas vezes provada do pobre procurador Pôncio Pilatos. A ferocidade dos homens não ia além do dismantelamento da cidade de Ramá e das loucas correrias do Antíoco Epifânio.

O próprio Teglath-Phalasar, ao arrazar a capital de Tiro, fôra mais humano do que Atila à frente dos hunos ou do que Tamerlão no comando suprêmo das suas hostes de bandidos. A lenda do anjo exterminador que feriu de morte o exército do general Senacherib, e que tanta impressão deveria ter causado no Santo Evangelista, não passaria duma história cheia de bondade e indulgência ante os modernos processos de bombardeamento aéreo, das balas "dum-dum", e dos gases asfixiantes.

Portanto, S. João, ao escrever o "Apocalipse", estava muito longe de avaliar a perversidade dos homens. No entanto, com o que viu, conseguiu relatar as revelações que Deus lhe fizera de todas as coisas que brevemente deveriam acontecer.

"Bemaventurado — dizia êle — bemaventurado aquêle que lê, e o que ouve as palavras desta profecia, e guarda as coisas que nela estão escritas, porque o tempo está próximo."

Se Deus, no entender do profeta "é o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim", que limite visaria, ao afirmar que estavam próximos os mais graves acontecimentos?

O visionário na ilha de Patmos diz na sua obra prima:

"Olhei, e vi um cavalo branco: e o homem que estava sentado sobre êle tinha um arco; e foi-lhe dada uma corôa, e saíu victorioso e para vencer.

"E havendo aberto o segundo sêlo, foi-me dito: Vem e vê.

"Saíu outro cavalo, vermelho, e ao homem que estava sentado sobre êle foi dado que tirasse a paz da terra, e que se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada.

"E havendo aberto o terceiro sêlo, ouvi dizer ao terceiro animal: Vem e vê. Olhei,

e eis um cavalo preto, e o que sôbre êle estava sentado tinha uma balança na mão.

"Ouvi uma voz no meio dos quatro animais, que dizia: Uma medida de trigo por um dinheiro, e três medidas de cevada por um dinheiro, e não danifiques o azeite e o vinho!

"Tendo aberto o quarto sêlo, ouvi a

livre, se esconderam nas cavernas e nas rochas das montanhas. E diziam os montes aos rochedos: Cai sôbre nós e escondi-nos do rosto daquele que está sentado sôbre o trono e da ira do Cordeiro, porque é vindo o grande dia da sua ira. Quem poderá resistir?"

S. João, escrevendo estas coisas no dealbar do Cristianismo, pedia justiça para os oprimidos, recordando-se talvez das bemaventuranças que o meigo Rabi galileu ditara, numa tarde calma, do cimo da montanha. Lembra-se também de

que o Meste havia dito: "O irmão entregará à morte o irmão, e o pai o filho; e os filhos se levantarão contra os pais, e os matarão!"

Se olharmos hoje para êste Mundo civilizado, cheio de conforto e de apetrechos de destruição, verificaremos que a humanidade retrocedeu em vez de avançar.

E, se o visionário da ilha de Patmos escrevesse hoje o "Apocalipse", que formidáveis coisas nos teria legado, porque os homens requintaram em malvez.

Os sete anjos que nos apresentou deramando as taças da destruição poderiam figurar hoje numa curiosa apoteose de revista de ano, com grandes aplausos da plateia que sempre apreciou estas coisas ingênuas.

O que teria pensado o imaginoso S. João se lhe fôsse dado vêr um canhão 42 vomitando a morte a muitos quilômetros de distância?

Ficaria compreendendo melhor as palavras do seu Divino Mestre ao anunciar-lhe que, um dia, os homens se envolveriam numa lucta fratricida, destruindo lares, não deixando pedra sôbre pedra.

E então, sim, então escreveria o "Apocalipse" dos nossos dias, mil vezes mais horripilante do que o que engendrou em Patmos.

## O que seria o "Apocalipse,, se o Evangelista o escrevesse hoje?

voz do quarto animal: Vem e vê. Olhei, e eis um cavalo amarelo, e o que estava sentado sôbre êle tinha por nome Morte; e o inferno o seguia; e foi-lhes dado poder para matar a quarta parte da terra, com espada e com fome, e com peste, e com as feras da terra.

"E havendo aberto o quinto sêlo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram. Clamaram com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sôbre a Terra?"

"Foram dadas a cada um compridas vestes brancas, e foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos como êles foram.

"Havendo aberto o sexto sêlo, olhei, e eis que houve um grande tremor de terra, o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua tornou-se como sangue. As estrelas do ceu caíram sôbre a terra, como quando a figura lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte. O ceu retirou-se como um livro que se enrola, e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares.

"Os reis da terra, os ricos, os tribunos e os poderosos, todo o servo e todo o



Uma visão do "Apocalipse"



Um mexicano e um americano são camaradas de trabalho numa mina do Estado de Kansas. O primeiro tem muitas vezes coelho para o almoço e convida o seu camarada. Por fim, êste admira-se.

— Onde vais tu arranjar tantos coelhos? Aqui não se vende e é animal que não há nesta região.

— Há sim. De noite fazem barulho perto da minha casa. Eu levanto-me e com a espingarda, pan! mato-os facilmente.

— Barulho?! Mas os coelhos não fazem barulho...

— Ora essa! Havias de ouvi-los a fazer miau, miau...

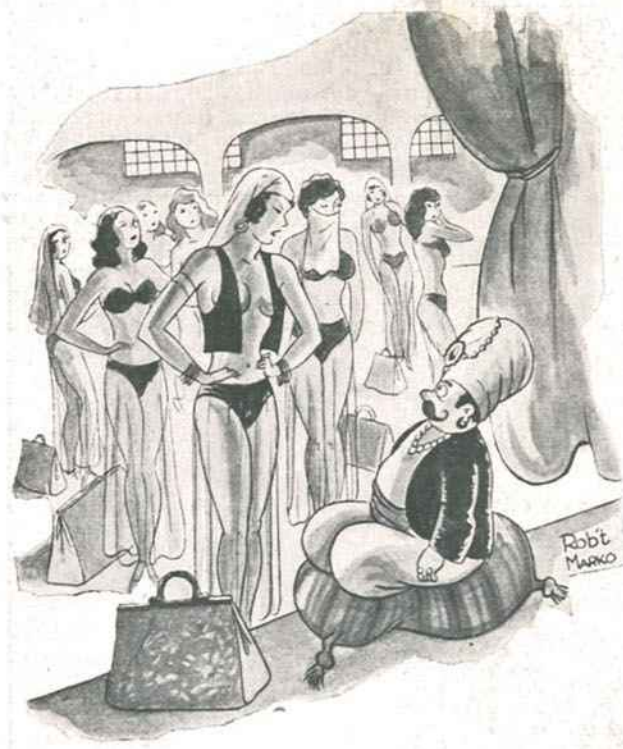
Um missionário anglicano tenta converter um índio á sua religião. Perante o ceticismo dêste faz-lhe um descrição entusiástica do Paraíso. Mas o índio não se mostra convencido e acaba mesmo por comentar.

— Não creio que o Paraíso seja tão bom como diz. Se o fôsse já os ingleses o tinham colonizado.

Definição do *gentleman*:

Um *gentleman* é um homem que por nada dêste Mundo seria capaz de bater numa mulher com o chapéu na cabeça.

AS REIVINDICAÇÕES FEMININAS NO HAREM



O sultão: — Mas que quere isto dizer?  
— Quere dizer que se não formos atendidas voltaremos para casa das nossas mãis.

A Polícia procurava um famigerado gatuno e entre os elementos do que dispunha para lhe deitar a mão figurava uma dessa tiras de fotografias com oito posições diferentes. O precioso documento foi reproduzido e enviaram-se cópias para diversos pontos do país, com a indicação

# HUMORISMO

de se prender o indivíduo. Alguns dias depois recebia-se um officio do administrador dum concelho afastado que dizia:

“Já consegui prender seis dos homens que são procurados. Espero deitar a mão, em breve, aos dois restantes.”

— Acabo de fazer um excelente negócio. Por vinte contos por ano contratei um homem para resolver todas as dificuldades que se apresentem na minha vida.

— Mas onde vais arranjar os vinte contos?

— Essa é a primeira dificuldade que êle tem de resolver.

Um pároco faz a prática durante a missa dizendo:

— Meus caros irmãos. Quando vos vejo chegar de automóvel á igreja pergunto a mim mesmo onde estão os pobres desta freguesia... E quando se faz o pedatório pergunto a mim mesmo onde estão os ricos.

No julgamento dum “chauffeur” acusado de excesso de velocidade:

O juiz: Como se explica que marchasse a 80 quilómetros por hora.

O réu, com um sorriso de inocência: É que os travões não funcionavam bem e estava com pressa de chegar á garage para evitar qualquer desastre.

Está a realizar-se o julgamento dum processo-crime e o presidente

do tribunal interroga uma das testemunhas.

— Viu dar o tiro?

— Não, senhor juiz — responde a testemunha com prudência — só ouvi a detonação.

— O seu depoimento nesse caso não tem valor. Pode retirar-se.

Já à porta, no momento de sair da sala das audiências, a testemunha solta uma gargalhada. O juiz indignado chama-a e repreende-a pelo desrespeito ao tribunal.

— Mas, o senhor juiz viu-me rir? perguntou a testemunha.

— Não vi, mas ouvi.

— Ah! Nesse caso, o seu depoimento não tem valor.

— Parece-te que a T. S. F. chegará a substituir por completo os jornais?

— Com certeza que não. Não se pode fazer embrulhos com a T. S. F.

Um amigo interroga outro que ultimamente se dedica com entusiasmo á apicultura:

— E tens tirado bom resultado das abelhas?

— Aqui para nós, elas não produzem muito mel, mas já picaram a minha sogra três vezes.

— Como é possível que não percebeses antes de casar que teu marido era um pobre idiota?

— Só não percebi que era pobre.

Diálogo conjugal.

O marido — Estou envergonhado com o nosso vizinho João. E’ a terceira vez que enviua e sempre me tem participado o falecimento das esposas. E’ desagradável estar sempre a receber atenções duma pessoa e nunca as retribuir.

Um judeu foi acometido de doença súbita no teatro e morreu no meio do espectáculo. Um amigo do falecido que contava a outro a triste ocorrência terminou com o seguinte comentário.

Calcula que morreu a meio do segundo acto. Mal empregado dinheiro no bilhete...



**E**STACIONA agora em águas de Gibraltar maior número de navios da esquadra britânica do que habitualmente. Este facto serve para sublinhar a grande importância estratégica do Morro como chave do Mediterrâneo.

Nos últimos anos tem estado em moda descrever o valor de Gibraltar. Quando fui governador da fortaleza ouvi com frequência sugerir que, nas condições modernas da guerra, a sua defesa era impossível. Punha-se especialmente em relêvo o imenso desenvolvimento da aviação militar e o longo alcance dos canhões modernos. A minha experiência como governador convenceu-me, porém, de que esta teoria é infundada.

No que diz respeito a um ataque por via aérea, convém lembrar que Gibraltar, no seu conjunto, oferece um reduzido alvo: apenas três milhas de comprimento por uma de largura. O topo do próprio rochedo, que tem cerca de 420 metros de altura, é um gume afiado e seria muito difícil lançar uma bomba sobre qualquer peça ali colocada.

O bombardeamento da cidade não produziria efeitos tangíveis na defesa militar da fortaleza. O porto é um alvo muito pequeno e para o atacar com alguma certeza, ou mesmo probabilidade, os aviões teriam de voar extremamente baixo, o que não é possível devido à proximidade do Morro.

Não só encontrariam o conhecido «levantar», um vento do leste traiçoeiro e perigoso, (que conheço pelas minhas experiências pessoais de navegação no porto) como há inúmeros «poços de ar» que obrigam os aviões a fazer grandes desvios do Morro.

A moderna e eficiente aparelhagem de detecção do som e a artilharia anti-aérea dariam sinal de aproximação dos aviões inimigos e forçá-los-iam a manter-se a tal altura que, voando a velocidades modernas, as suas oportunidades de lançar bombas seriam, a meu ver, reduzidas. Creio também que a Aviação britânica se propõe tomar parte em qualquer actividade aérea que se desenvolva na vizinhança da fortaleza.

Mesmo na hipótese improvável dum ataque pelo lado da Espanha o perigo para Gibraltar parece remoto. Para fazerem estragos apreciáveis os canhões espanhóis teriam de ser dum calibre aproximado ao da nossa velha amiga «Grande Bertha».

Tais canhões poderiam causar certa

inquietação e algumas perdas, mas penso que não teriam mais efeito sobre a segurança de Gibraltar do que a «Grande Bertha» teve sobre a de Paris em 1918.

Em qualquer dos casos a população estaria a salvo dos riscos tanto dum ataque aéreo como dum bombardeamento com canhões de grande alcance graças às galerias, túneis e subterrâneos escavados no morro para servirem de abrigo.

# GIBRALTAR ESTÁ EM SEGURANÇA!

pele general inglês SIR ALEXANDER GODLEY

(Governador da Fortaleza de 1928 a 1933)

Estes foram completados depois do grande cerco de 1779-80. São muito cómodos e constituem passagens virtualmente à prova de bombas, abertas nas entranhas do próprio rochedo.

Como é obvio, não posso descrevê-las pormenorizadamente nem indicar o uso que lhes é dado, mas direi que os túneis atravessam o rochedo de leste para oeste e é grande o número de espaçosos subterrâneos.

No que se refere a um ataque directo por terra ou por mar, é fóra de dúvida que teria a mesma sorte que o ataque combinado das forças francesas e espanholas durante o Grande Cerco.

Mas a possibilidade dum ataque por Espanha é muito remoto. Somos bons amigos e não creio que a nossa ocupação de Gibraltar seja olhada

com ressentimento pelos espanhóis. Na verdade, ocupamos Gibraltar tanto tempo quasi como a própria Espanha. Originariamente tomada aos visigodos pelos mouros, só foi abandonada por estes quando expulsos da Espanha, após mais de sete séculos de domínio.

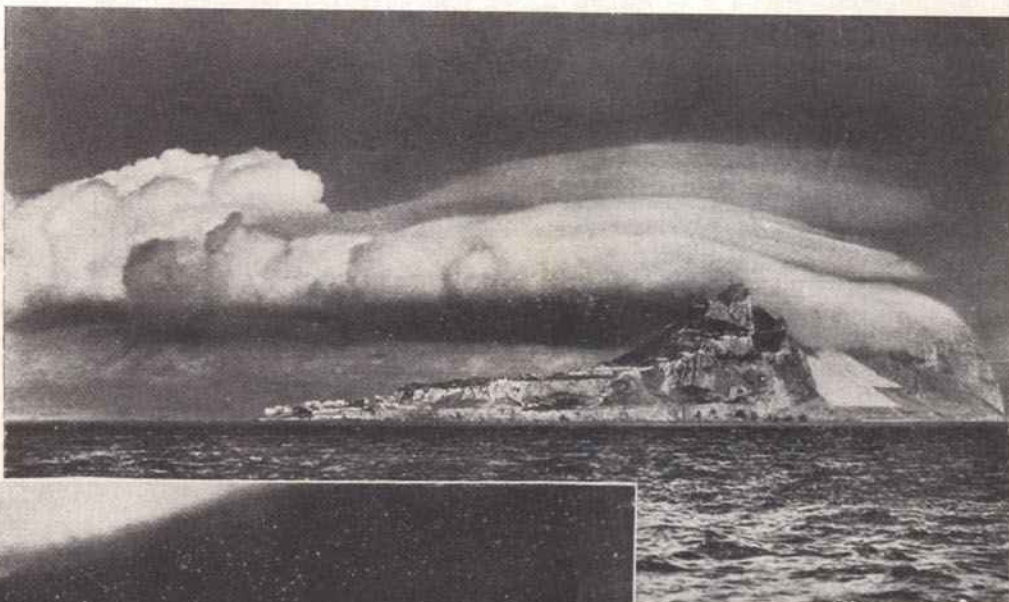
Sem consultar livros de referência, creio poder dizer que ao cupação dos espanhóis durou 242 anos e a nossa atinge agora 231.

Outro aspecto da questão que creio não ser em geral conhecido, é que Gibraltar é na realidade Africa e não Europa. Rebuscando na lenda en-

contramos que para abrir o Estreito e pôr o Oceano Atlântico em comunicação com o Mediterrâneo, Hercules teve de romper um bocado do norte da Africa afastando as suas duas colunas: Mons Calpe (Gibraltar) agora na Europa e Mons Abyla (Apes Hill) agora em Africa.

A fauna e flora de Gibraltar é mais africana do que europeia. Os célebres macacos que habitam o morro, recebem rações e estão confiados a um oficial da guarnição, são monos da Barbária; as perdizes são idênticas às de Marrocos e não às de asas vermelhas que abundam na península.

Financeiramente, seria desastroso para o Sul da Espanha que as relações britânicas se interrompessem. De resto a população, que embora de descendência italiana se cruzou em larga medida com a do continente e fala espanhol com mais facilidade que o inglês, é profundamente leal à coroa britânica.



É evidente que a sua residência numa fortaleza obriga a restringir os seus movimentos no morro. Estas restrições são porém aceites sem relutância e sei que as precauções especiais tomadas neste momento foram bem acolhidas.

■

Não, Gibraltar está em segurança. Com os navios da esquadra britânica vigiando o porto e a fortaleza sob o comando do meu ilustre sucessor, general Sir Charles Harington, podemos ter a certeza de que esta importante jóia da Coroa está em boas mãos.

Gen. A. Godley

(Exclusivo da «Mittopress» em todo o Mundo e da «Ilustração» em Portugal.)





O poema imortal de Dante tem inspirado na parte consagrada ao Inferno diversos realizadores do cinema. Ainda muito recentemente se exibiu em Lisboa um filme sobre esse assunto do que algumas imagens ilustram estas páginas.

É tarefa difícil animar na tela dos cinemas as visões geniais e terríficas do poeta. Todas as versões até agora apresentadas tinham fa-

O suplício dos avarentos resobrando incessantemente um gigante bloco de ouro. À direita: o círculo das doenças e sofrimentos físicos

lhado quasi por completo esse objectivo, pois a despeito do enorme consumo de fogos pirotécnicos não conseguiram dar o ambiente irreal dos domínios de Satanaz.

Mas por difícil que seja, não é impossível e a última produção, de origem norte-americana, marca um enorme progresso sobre as anteriores.

De muitos mais incertos resultados seria tentar traduzir em imagens cinematográficas o Paraíso. Como nível de perfeição ele sai fora do domínio da experiência humana.

Olhaço de fogo, castigo dos que pecaram por inveja



ACTUALIDADES DOS ESTÚDIOS E "ÉCRANS"

# A interpretação do inferno no cinema

Um filme sobre a Etiópia que critica protestos de Mussolini

A biografia do empresário Ziegfeld e o próximo casamento de Pola Negri

na. Sem excesso de filosofia pessimista pode dizer-se que a vida está mais próxima do Inferno que do Paraíso. E daí deriva que todos os homens, incluindo Dante imaginam melhor o que seja a sombra «onde há o rangor de dentes» do que a celestial bem-aventurança.

O cinema, que acompanha fielmente a vida, dedica neste momento especial atenção à Etiópia. Foram já apresentados ou estão em via de produção diversos filmes sobre o país que a invasão italiana pôs na ordem do dia. Assim, a «Metro» procede actualmente à montagem dum; a «Paramount» terminou outro com o título de «Asas sobre a Etiópia»; Burton Holmes realizou um documentário sobre o mesmo assunto; e Samuel Cummins vai apresentar outro em que defende o ponto de vista italiano.

O documentário da «Paramount» começa entretanto a levantar dificuldades. Mussolini protesta contra ele, acusando-o de fazer a defesa do império do Negus. Pessoas que conhecem o filme pretendem justamente o contrário. Contudo o Duce fez saber que se o filme, que já foi exibido em Inglaterra, o for também nos Estados Unidos, todas as produções daquela empresa serão proibidas em Itália.

Acrescenta-se como pombo curioso que Hailé Salassie encomendou uma cópia do filme «Tarzan e a companheira» a cuja exibição assistira em Addis Abeba e que lhe causou o maior prazer.



Há algum tempo a «Universal», lançou a ideia dum filme sobre a vida do grande empresário Ziegfeld, que devia corresponder a uma história



As almas a caminho do inferno, segundo uma gravura antiga. À direita: A versão cinematográfica da mesma cena

do teatro norte-americano nos princípios deste século. Mais tarde aquela empresa cedeu o projecto à «Metro» que deu já começo aos trabalhos de filmagem cuja direcção foi confiada a Robert Z. Leonard.

O papel de Ziegfeld é interpretado por William Powell. Muitos artistas contemporâneos que se estrearam sob a direcção do grande empresário figurarão pessoalmente no filme. Outros serão substituídos por «dubios», entre eles o conhecido Will Rogers, morto há tempo num desastre de aviação juntamente com Wiley Post.

As dificuldades a vencer para realização deste filme são numerosas, mas a empresa produtora não se poupa a esforços para que ele resulte numa grandiosa epopeia do teatro americano. Só um dos números, intitulado o «baile do circo» em que aparecem 100 «girls», líões, cavalos e cães dirigidos por Harriet Hector, custou mais de 150.000 dólares.

Todas as «girls» que figuram no filme devem, para respeitar a verdade histórica, ter cabelos compridos, à moda da época. Para que as cenas ganhem em realismo, os produtores pensam dispensar as cabeleiras, convencidos de que lhes será possível encontrar um número suficiente de raparigas formosas que não tenham ainda sacrificado as suas tranças.

A conhecida actriz Pola Negri tem estado ultimamente internada no hospital americano de Neuilly. O seu estado de saúde chegou a inspi-

rar sérios cuidados e deu lugar a boatos alarmantes que felizmente não se confirmaram. Sabe-se que Pola sofre as consequências duma antiga operação cirúrgica mas os médicos têm esperança de que se restabeleça dentro de pouco tempo.

Os jornalistas franceses pretendem por sua parte saber que Pola Negri espera tanto mais ansiosamente essa convalescença quanto é certo que logo que possa partirá para Londres afim de se casar com um jovem que conheceu recentemente na Côte d'Azur.

Como se sabe, a famosa artista polaca casou já quatro vezes e outras tantas se divorciou.

O nome do futuro cônjuge mantém-se em segredo mas diz-se que



Os iniciados transformados em árvores

fará sensação pela posição que ocupa na sociedade inglesa.

O realizador alemão Karl Frölich deu começo à filmagem do «Traumulus», um novo filme que terá Emil Jannings como protagonista.

Os americanos anunciam uma adaptação sensacional do cinema: a do famoso «Robinson Crusoe» do grande escritor Daniel de Foe. O assunto é tentador e o cinema está naturalmente indicado para evocar as aventuras do pequeno Robinson na sua ilha deserta.





**L**IDJ JASSU, o negus destronado há dezasseis anos, que tóda a gente supunha morto entre os horrores dum longo cativeiro, vai a caminho de Addis-Abeba, rodeado por uma forte escolta.

Vem a propósito recordar a sua tristíssima história. Os últimos anos de Menelik II foram entristecidos pela morte de seu filho o "ras" Makonnen — o glorioso vencedor de Aduá — e pelas intrigas da imperatriz Taitu, inteligente mas ciumenta, que teve sempre em mira afastar do trono o "ras" Tafari, filho de Makonnen, e a princesa Zeodita, filha querida de Menelik. O seu fim era tornar príncipe herdeiro o jovem Lidj Jassu, filho do "ras" Mikael e duma filha natural do "negus".

Com efeito, em 1913, após a lenta agonia de Menelik, Lidj Jassu sucedeu-lhe no trôno, sob a tutela de seu pai, muçulmano convertido. No ano seguinte, os governos turco e alemão, na intenção de bloquear o Mar Vermelho, tentaram converter o jovem negus ao islamismo. Os etíopes, fiéis às suas tradições, revoltaram-se, proclamando imperatriz a princesa Zeodita logo que nomeou regente e herdeiro presuntivo o "ras" Tafari, seu sobrinho.

Lidj Jassu, que também usava o título de "Filho de Jesus", lutou arduamente, auxiliado por seu pai, durante cinco anos, até que foi vencido e capturado, sendo conduzido para Fitihié, onde ficou sob enorme vigilância. Nessa altura, o cativeiro do negus destronado era relativamente suave, amenizado pelas canções dos bardos ambulantes que tinham liberdade para o visitar.

A imperatriz Zeodita levava, no palácio, uma vida monacal, sem, no entanto, ter abdicado. No dia 7 de Outubro de 1928, por sua morte, o "ras" Tafari fez-se proclamar imperador, tendo rebentado, por esse motivo, uma revolta chefiada pelo "ras" Hailu que pretendia colocar no trôno o "Filho de Jesus".

O "ras" Tafari, já intitulado Hailé Sellassié, venceu os seus inimigos, vingando-se cruelmente no pobre cativo que fez amarrar com correntes a um rochedo calcinado, junto da cratera de um vulcão extinto. Ali, no alto dessa montanha, isolado do mundo e dos homens, como um Prometeu, suspenso entre o céu e a terra, o pobre príncipe sofreu os mais atrozes suplícios. Era tal o rigor da justiça do imperador que o nome do prisioneiro não podia ser sequer pronunciado, sôb pena de esmagamento dos dedos dos pés, amputação dum dedo de cada mão, e vasamento das narinas.

Pois, há tempos, uma personalidade italiana, pretendendo apoderar-se do cativo, confiou essa missão a um grupo de aventureiros que se comprometeram a ir buscá-lo, levando para despesas 375 libras. Escusado será dizer que nunca mais apareceram, nem as libras nem os aventureiros. Houve quem afirmasse que o desventurado "Filho de Jesus" tinha sido assassinado. Agora, sabe-se que por ordem do negus, segue para Addis-Abeba,

não se compreende bem com que tenebroso fim.

O mais curioso é que este desventurado soberano têm um filho, no qual os fiéis à velha dinastia salomónica põem tódas as esperanças!

O dr. J. Brodsky, antigo médico colo-

naqueles que, apesar de tódas as tiranias, se mantêm fiéis à velha e gloriosa dinastia saída, segundo as lendas, dos amores do rei Salomão e da rainha de Sabá. Tem trinta anos de idade.

Conseguiu escapar com sua mãe, a imperatriz Fatma Aboubakar, à policia de Hailé-Sellassié, transportando grande parte das suas riquezas. Após uma lenta e penosa marcha através dos caminhos ínvios das caravanas dos Dankalis, atingiu o mar e tomou o rumo da Somália Francesa, onde se encontra agora em absoluta segurança.

Os seus partidários deram-lhe o nome de Menelik III. Poderá êle suportar um tão grande quão pesado título? Menelik III, o último rebento duma dinastia gloriosa aceitará o arriscado encargo de medir com o poder formidável de Hailé Sellassié?

A um nobre etíope que assistiu às suas bôdas, declarou êle: "Não esquecerei os sofrimentos de meu desgraçado pai!"

Qual será o desfecho da guerra itálo-abexim?

Aceitará o príncipe qualquer apoio que a Itália lhe ofereça?

E' bom ter em conta que o jovem Menelik III, vivendo entre muçulmanos, é casado com uma muçulmana, e já se encontra convertido ao Islam. Ser-lhe-á fácil, portanto, aliar os sete milhões de muçulmanos que vivem no império de Hailé Sellassié sôb o jugo de três milhões de cristãos.

Que novas surpresas nos reservará a Abissínia?

O "Filho de Jesus", vencerá, por fim, o "Rei dos Reis", seu terrível inimigo?

## A TRISTE HISTÓRIA DO "FILHO DE JESUS"

nia, de origem russa, conta que, passando na Somália Francesa, lhe constara que, no sultanato de Tadjurah, ia celebrar-se o casamento da filha do sultão Houmed ben Mahomed Ibrahim, com um príncipe etíope.

Como desejasse assistir a esta cerimônia, conseguiu tomar lugar no próprio barco em que seguiam os delegados do governador, e, em poucas horas desembarcava em Tadjurah que há mais de quarenta anos se encontra sob a protecção francesa.

Começaram as bôdas no dia 4 de Janeiro de 1934, tendo revestido uma imponência grandiosa. Todos os pescadores de nacar da baía de Tadjurah correram a admirar a sua princesa pelo braço do jovem príncipe estrangeiro. Nos imensos arraiais, eram assados bois às centenas.



Os cristãos — funcionários públicos e exilados abexim — tinham direito a um vinho capitoso e a hidromel. O visir Habib Mohamed e mr. Rivière, chefe do protectorado francês ofereceram belos presentes. A própria imperatriz Fatma Aboubakar enviou algumas joias do tesouro de Menelik.

E', pois, neste jovem que estão concentradas tódas as esperanças

Em cima: A Imperatriz Zeodita. A direita: Lidj Jassu junto de seu pai





# VIDA ELEGANTE

religiosa foi servido em casa dos pais da noiva um «copo de água». Os noivos seguiram para Alenquer, sede da casa industrial do noivo.

— Realizou-se na paróquia de Santa Isabel, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Bertilde Neto, com o sr. Helio Rodrigues Gonçalves, funcionário da Sociedade Estoril Plage, tendo servido de padrinhos por parte da noiva a sr.<sup>a</sup> D. Iliá Bergstrom, e o sr. Armando Paula Marreiros de Gorjão, secretário do Noivo Estoril, e por parte do noivo, sua irmã a sr.<sup>a</sup> D. Maria José Gonçalves Viana e seu cunhado o sr. António Crespo Viana.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos padrinhos do noivo um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para o

Simões, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Carolina Simões e do sr. António Duarte Simões, com o sr. Manuel Antunes Gorjão, filho da sr.<sup>a</sup> D. Helena Maria Gorjão e do sr. José Antunes.

Foram madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Eva Trincão e D. Florinda Gorjão, e padrinhos os srs. dr. Carlos Gorjão e António Gorjão.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Realizou-se na paróquia de Santos-o-Velho, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Cipriana Maria Miranda, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Cipriana Duarte e do sr. Vicente Duarte, com o sr. António Jorge Júnior, filho da sr.<sup>a</sup> D. Gertrudes Maria Domingas e do sr. António Jorge, servindo de madrinhas a mãe da noiva e a sr.<sup>a</sup> D. Emilia Sabido Beirão e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Manuel de Carvalho Beirão.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, da pastelaria «A Garrett», na elegante residência dos pais da noiva, partindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se na capela do Palácio do Patriarcado, ao Campo dos Martíres da Pátria, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Madre de Deus Amado Braamcamp Freire (Almeirim), interessante filha da sr.<sup>a</sup> baronesa de Almeirim e do falecido barão do mesmo título, com o distinto advogado sr. dr. Luís Egas da Câmara Pinto Coelho, ilustre governador civil de Castelo Branco, filho da sr.<sup>a</sup> D. Mariana da Câmara Pinto Coelho e do sr. dr. José Gabriel Viana Pinto Coelho.

Foram madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Isabel Dantas Amado, e baronesa de Almeirim (D. Luiza), respectivamente avó e tia da noiva e padrinhos o pae e irmão do noivo sr. dr. Domingos da Câmara Pinto Coelho.

Presidiu ao acto Sua Eminência o senhor cardeal Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que antes da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção. Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe da noiva, à travessa do Patrocínio um finíssimo lanche partindo os noivos depois para a Quinta de S. Jorge, em Coimbra, da sr.<sup>a</sup> D. Urbana Soares de Albergaria, onde foram passar a lua de mel.

Em uma das salas da elegante residência estavam expostas as valiosas prendas oferecidas aos noivos, em que se destacavam a da Câmara Municipal do Distrito e dos funcionarios administrativos, que constavam de uma artística salva de prata e de uma mensagem, e da do comissário da policia e dos seus subordinados, que constava de outra salva de prata.

— Para seu filho D. João, foi pedida em casamento pela sr.<sup>a</sup> D. Maria Inês Seabra da Câmara, viuva do saudoso clínico sr. dr. Vicente Zarco da Câmara (Ribeira), a sr.<sup>a</sup> D. Maria Cristina Leite da Costa Maia, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Augusta Leite da Costa Maia e do sr. Delfim Maia.



Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Ilda Ferreira Gil com o sr. dr. Luis Pereira Ortiz de Montellano. A ESQUERDA: O cortejo nupcial a saída da igreja de S. Sebastião da Pedreira. EM BAIXO: Os noivos após a cerimonia



norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Na paróquia da Encarnação, realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Judite

Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Suzete dos Santos Fernandes com o sr. Alberto Porie Rodrigues. O cortejo nupcial a saída da igreja dos Anjos



## Casamentos

Na igreja de S. Sebastião da Pedreira realizou-se no dia 9 deste mês, o enlace matrimonial da sr.<sup>a</sup> D. Ilda Ferreira Gil, gentilíssima filha da sr.<sup>a</sup> D. Emilia Ferreira Gil e do sr. Carlos Augusto Gil, e sobrinha do nosso prezado director sr. Artur Brandão, Consul Geral da Grécia em Lisboa, com o sr. dr. Luis Pereira Ortiz de Montellano, filho da sr.<sup>a</sup> D. Clotilde Maria Pereira de Montellano e do sr. Luis Ortiz de Montellano.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva o sr. Artur Brandão e sua esposa D. Ilda Ferreira Brandão, e, por parte do noivo seus pais.

Após a cerimónia religiosa, em que a noiva ostentou uma elegantíssima «toilette», os noivos e convidados dirigiram-se ao palacete do sr. Artur Brandão no Campo Grande onde foi servido um finíssimo copo de água.

Numa das salas desta elegante residência encontravam-se expostas numerosas e ricas prendas de artístico gosto, oferecidas aos noivos, que seguiram para o Estoril a passar a lua de mel.

Entre a elegante assistência viam-se os srs.:

A. de Sousa e Melo e senhora, Dr. Artur Ribeiro Lopes e senhora, Capitão Meneses Ferreira e senhora, Dr. Luis Barata e senhora, Engenheiro Carlos Filipe da Costa e senhora, Dr. Albano da Fonseca e senhora, Luis Calheiros de Abreu e senhora, Dr. José Filipe da Costa e senhora, Wladimiro de Meneses Moreira e senhora, Filipe Reis e senhora, Dr. Ruy de Montellano e senhora, Carlos de Aguiar e senhora, Dr. José da Cunha e Silva, Senhora de Aníbal de Castro, Senhora Maria Amélia Vaz de Carvalho Martins, Senhora Mary Saendura Cabral Martins, Luis Brandão e senhora, Domingos Garcia e senhora, José Gomes da Silva e senhora, Senhora de Nites de Carvalho, Senhora de Manuel Prates, José Rodrigues Marreiros e senhora, Mademoiselles Maria Raquel e Maria Eugénia Meneses Ferreira, Maria Helena de Castro, Lea Ribeiro de Sousa, Suzana Ribeiro de Sousa, Maria Manuela de Sousa e Melo, Constantino Corteceira Alves, Ida Flora de Meneses Moreira, Maria Manuela Lobo de Avila Lima, Judite da Rocha, Srs. Rogério Calheiros de Abreu, João Meneses Ferreira, Júlio Carlos Correia Seixas, Arnaldo Augusto Tamassa, Fernando da Silva Pereira, Rogério Correia de Melo, etc.

— Com numerosos convidados, realizou-se na igreja dos Anjos, a cerimónia religiosa do casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Suzete dos Santos Fernandes, filha da sr.<sup>a</sup> D. Carolina Santos Fernandes e do sr. Bento Fernandes, com o sr. Alberto Porie Rodrigues, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Porie Rodrigues e do sr. Joaquim Jorge Rodrigues, ambos falecidos. Foram padrinhos da noiva, sua mãe e seu avó, sr. Caetano J. Santos, industrial e do noivo a sr.<sup>a</sup> D. Amélia Matos Ferreira e seu filho sr. dr. Matos Ferreira. Após a cerimónia





*Benito Gonçalves proclamando a República Rio-grandense em 20 de Setembro de 1933*

A República Brasileira, proclamada em 15 de Novembro de 1889, co-lhera de súbito o velho imperador D. Pedro II que se considerava o mais amado dos soberanos.

Nesse dia mortífero, a família imperial encontrava-se sob prisão no próprio palácio. Mas, por grande que fosse a confiança dos homens do novo governo nos efeitos do golpe vibrado na realza, a presença do imperador causava-lhes uma viva inquietação.

Na dia 16, o major Solon apresentou ao soberano, em nome do Governo Provisório, um "ultimatum" em que eram apresentadas as causas da revolução, e imposta a partida imediata para o exílio.

O imperador limitou-se a responder:

"Atendendo à representação escrita que me foi entregue hoje às três da tarde, resolvo, cedendo à força das circunstâncias, partir para a Europa com toda a minha família: amanhã deixaremos esta Pátria tão amada à qual me esforcei por dar incessantes provas de afecto e de dedicação durante quasi meio século de magistratura suprema. Assim, no momento de a deixar, posso dizer que conservarei do Brasil a mais viva recordação e que faço ardentemente votos pela sua grandeza e prosperidade. Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1889.

D. Pedro de Alcântara.

A princesa respondeu:

"E' com o coração despedaçado de dor que me separo dos meus amigos, de todos os brasileiros e do paiz que tanto amei e que amo,

HA 4 ANOS

# A proclamação da Republica Brasileira

## Triste evocação da partida da família imperial para o exílio

do resignado soberano. Temiam-se, no entanto, outros perigos. Foi nestas circunstâncias que os ministros do Governo Provisório decidiram deter o conde de Eu e conservá-lo preso como refens até que a família imperial chegasse à Europa. Pelo menos, era essa a missão que Benjamin Constant confiara ao tenente-coronel Malet, descendente de franceses que tinham atraído Napoleão.

Mas se houvesse resistência? Quando o Governo Provisório se encontrava mais perplexo, surgiu uma solução rápida fornecida indirectamente pelo próprio conde de Eu. Tratava-se da seguinte petição:

"Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1889. A S. Ex.<sup>a</sup> o ministro da guerra. Peço a V. Ex.<sup>a</sup> que me exonere do comando geral de artilharia que exerço desde 19 de Novembro de 1865 e peço a V. Ex.<sup>a</sup> licença para me ausentar desta terra. A minha consciencia diz-me que sempre servi a nação brasileira lealmente, esforçando-me por ser justo para com os meus subordinados. Separo-me dela com pesar, assim como de todos os camaradas. Se não fôsse as circunstancias conhecidas de V. Ex.<sup>a</sup> que, muito contra minha vontade me obrigam a sair do Brasil, estaria pronto a continuar a servir, debaixo de não importa que forma de governo, a nação que, durante tantos anos, me recebeu no seu seio, cumulando-me de honras,

enchendo-me de imortais taudades, e cuja prosperidade e glória serão sempre um dos meus mais ardentemente empenhos. D. G. a V. Ex.<sup>a</sup>. A S. Ex.<sup>a</sup> o tenente-coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, ministro da guerra. (a) Gastão de Orléans, conde de Eu, marechal do exército brasileiro.

Mas o imperador e os seus seriam enviados para a Europa sem os necessários recursos? Os seus bens seriam confiscados ou poderiam dispôr d'êles? Seria concedida uma pensão à princesa como sucedera em 7 de Abril de 1831 quando o primeiro imperador foi exilado?

Malet foi então incumbido de tratar das condições financeiras da desoladora emergência. Tudo seria feito consoante os desejos da família imperial. O essencial é que a família imperial embarcasse quanto antes.

A princesa resistia. Com a voz entrecortada pelos soluços, declarava que não partiria sem os filhos, succedesse o que succedesse.

Quando lhe salientaram que o governo estava preparando um decreto que concedia à família imperial um crédito de cinco mil contos para as suas despesas, a imperatriz gemeu:

— Não me importo nada com o dinheiro. A minha pena é ter de abandonar o Brasil onde fui tão feliz...

A família imperial seguiu para bordo.

Nisto, entrou o imperador. Conforme o seu costume, vestia casaca e tinha o chapéu na mão.

— Que significa isto? — perguntou êle — vou embarcar a esta hora da noite?

O tenente-coronel Malet curvou-se respectivamente:

— O governo pede a Vossa Majestade que embarque antes de ser dia. E' absolutamente necessário.

— O governo?! qual governo?

— O governo da República.

— Deodoro faz parte d'êle?

— Sim, meu senhor. E' o chefe do governo.

— Estão doidos! Eu não sou um preto que foge. Não embarco a esta hora.

— Temem-se manifestações inconve-

nientes. As precauções adoptadas visam apenas garantir a segurança da família imperial.

D. Pedro II condescendeu, embora a resmungar:

— Embarcar a esta hora como um preto que foge!

O "Alagoas" levantou ferro.

A imperatriz chorava.

Fôra bela e feliz.

Filha de Francisco I, rei das Duas Sicílias, deixara as pitorescas paisagens napolitanas para ir juntar-se no Brasil ao marido que lhe tinham dado por procuração. Mas a escolha fôra acertada. A



*64 imperatriz Tereza Cristina Maria*

princesa encontrou nesse imperador de desoito anos um marido carinhoso e amantíssimo. Nesse Brasil enorme, cheio de sol, de encanto e de poesia, deparou com uma segunda pátria, e ali passou durante quasi meio século os dias mais felizes da sua vida.

O imperador, aparentando uma serenidade que estava longe de sentir, espalhava confortos entre os seus. Lembrava-se de todos aqueles que protegera e que, numa hora difficil, não só o abandonavam, mas até faziam causa comum com os seus mais ferozes inimigos.

Na paz serena do seu camarote, fitando o mar calmo através das vigias, meditava sobre êsse Himalaia de ingratidões.

E então escreveu aquele famoso soneto:

*Não maldigo o rigor da iniqua sorte por mais feroz que fôsse e sem piedade, arrancando-me o trôno e a mojestade quando a dois passos só estou da morte.*



*O imperador Pedro II do Brasil*

*Do jugo das paixões minha alma forte conhecer bem a estulta veleidade, que hoje nos dá continna felicidade e amanhã nem um bem que nos conforte.*

*Mas a dor que execracia e que maltrata, a dor cruel que o ânimo deplora, que fere o coração e pronto o mata, é vêr na mão cuspir, à extrema hora, a mesma bôca, adaladora e ingrata, que tantos beijos nela pôs outrom.*

Havia poucos dias que D. Pedro II e esposa tinham chegado à cidade do Porto, procurando alojamento num hotel.

Na madrugada de 28 de Dezembro, a imperatriz sentiu-se piór dos seus padecimentos de cardíaca. Horas depois, faleceu, tendo nos lábios um lamento que mais parecia uma prece de saüdade: "O Brasil... minha terra é tão bonita... e não me deixam lá voltar!..."

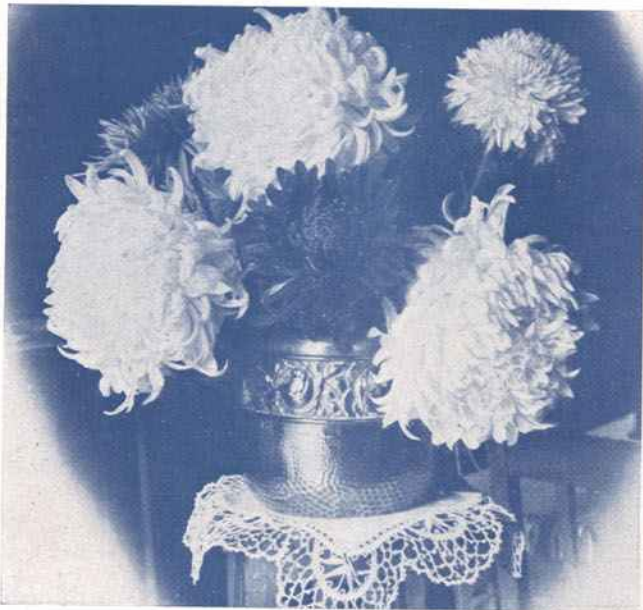
Finára-se a indôlita soberana, e o seu cadáver aguardou numa das salas do hotel o momento de ser removido para a igreja da Lapa, onde se celebraram exéquias solenes.

Entretanto, do lado de lá do oceano, o povo brasileiro ia-se adaptando ás exigências do novo regime sem os excessos da Revolução Francesa. Pode mesmo afirmar-se que o imperador D. Pedro II, ao retirar-se para sempre, deixou saüdades nesse lindo país. Os próprios adversários reconheceram-lhe a correcção fidalga com que aceitou o facto consumado. Se a implantação do regime republicano surgia para bem da pátria brasileira, o imperador filósofo e poeta partia para o exílio "fazendo ardentemente votos pela grandeza e prosperidade dessa mesma pátria que continuaria a ser sua..

E os votos de D. Pedro II cumpriram-se como se tivessem sido elevados numa prece ardente e fervorosa.

O Brasil continúa a ser cada vez mais belo, próspero e feliz.





A Natureza previdente reservou para esta quadra do ano, em que as rosas e os cravos são raros, uma das suas mais admiráveis criações — o crisântemo. E o homem, que se compraz por vezes em lhe preencher as lacunas, importou há século e meio para a Europa essa flor que enche hoje os nossos jardins. Fez mais: cultivou-a com esmero e obteve exemplares raros. E assim o crisântemo, a que a etimologia do nome atribue cor de ouro, tem hoje todos os matizes, exhibe-se nas mais delicadas e diversas grada-

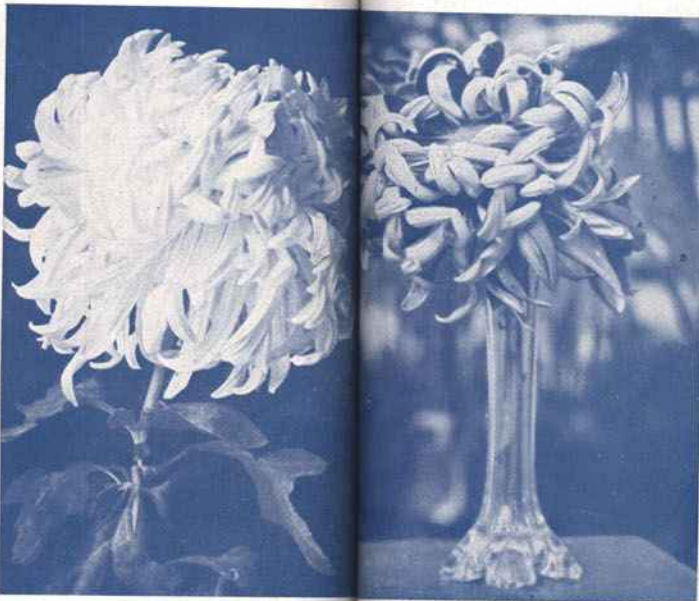
ções. Pela época em que florescem, os crisântemos têm um destino piedoso. São eles que no dia de Finados espalham pelos cemitérios uma nota colorida, de saúde e tristeza. Sobre a terra das campas, humecida pelas chuvadas, o crisântemo simboliza nesses dias a homenagem da vida à morte. É essencialmente popular, não há quem dê-lhe que privado, porque se oferece com generosidade ao alcance das bolsas modestas.

O cultivo desta flor tornou-se uma arte cheia de segredos, de requintes, de subtilidades. Tem os seus apaixonados, para quem a obtenção duma nova variedade constitui o mais apetecido dos êxitos. E os seus admiradores, que afluem numerosos onde quer que se anuncia uma exposição de crisântemos.

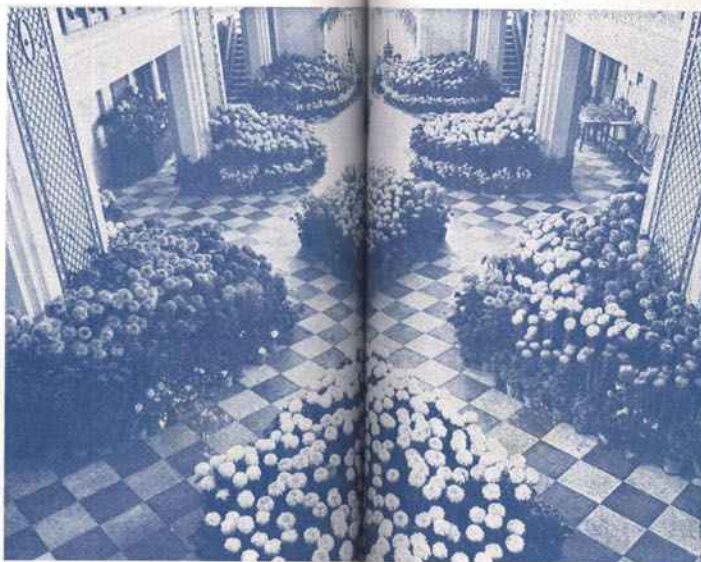
Por estas duas razões as exposições de crisântemos sucedem-se nesta época do ano, para regalo dos que sabem aproveitar a ocasião para encher os olhos de frescura e beleza.

Um dos centros de cultura são os jardins dos hospitais. Dir-se-ia que esta flor tem a nobre mis-

## AS FLORES OUTONO EXPOSIÇÕES DE CRISÂNTEMOS



Em baixo: Aspecto dum ambiente realizado no Estoril



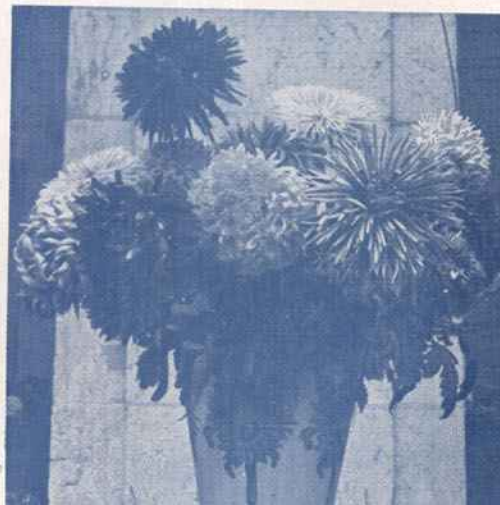
são de levar conforto onde há luto e dor. Por detrás dos muros severos desses asilos do sofrimento, desentranha-se o crisântemo em graças que ajudam o homem a reconciliar-se com a vida tanta vezes ingrata.

Ainda recentemente tivemos ocasião de visitar a exposição de crisântemos do hospital de Arroios onde se exibiram grande número de variedades cultivadas pelo sr. Custódio de Sousa, fiscal daquele estabelecimento que dedica todas as horas vagas à sua paixão pela jardinagem.

Da beleza do espectáculo que ali admirámos, só imperfeitamente falam as imagens que reproduzimos nestas páginas. É que estas flores pouco exigentes, das raras que não hesitam em afrontar os primeiros sopros do inverno que se avizinha, sabem recompensar com maravilhosa prodigalidade de encantos os cuidados que se lhes dedique. As suas cores tomam formas e cores diversas, das mais singelas ás mais fantasiosas. E de tal maneira que, sendo embora da mesma fa-

mília, dois crisântemos podem por vezes parecer ao profano duas flores inteiramente distintas, sem qualquer espécie de relação entre si.

Esta variedade de formas é sem dúvida um dos motivos que mais contribuem para o prestígio dessa flor que nos veio da China por volta de 1790. Seja porém como fôr, o que nos parece indiscutível é que essa recém-chegada — podemos assim chamar-lhe — conquistou um invejável lugar entre as flores.





# A PAVOROSA TRAGEDIA DA PÓVOA DE SANTA IRIA



A Póvoa de Santa Iria cobriu-se há dias de luto. Nove trabalhadores caíram fulminados por um cabo eléctrico de alta tensão quando procediam à abertura de uma trincheira para a captação de águas destinadas ao abastecimento de Lisboa.

Num espaço de 100 metros trabalhavam cinco guias assentes sobre zórras. As picaretas, rasgando o seio da terra, iam abrindo novos caminhos ao progresso. Quando a tarefa estava quasi no seu fim, saltou para uma das guias uma faísca do cabo de aço, que, transformada em corrente, envolveu nove trabalhadores que rolaram logo, feridos de morte.

Momentos depois, os desventurados ardiavam como verdadeiros archotes por entre os gritos alitivos de «não se cheguem!» «não se cheguem!» Com efeito, este aviso tinha razão de ser. Qualquer acto de abnegação resultaria, não



*Aspectos dos funerais das vítimas*

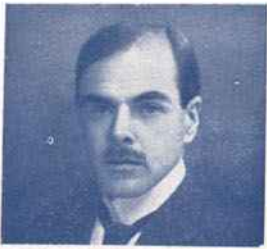
só inútil, porque ninguém poderia dar vida aos míseros electrocutados, mas até fatal, pois, todo aquele que se aproximasse a prestar socorros, iria aumentar esses despojos carbonizados.

Nove desgraçados ali pereceram ante o pavor da multidão que se estorcia num desespero atroz sem lhes poder acudir!

Seguiram-se os funerais... os soluços das desoladas viúvas que, num momento, viam desmoronar-se os seus mais sagrados afectos, e as lágrimas dos órfãos tão pequeninos para suportarem uma tão grande dor.



Dr. Afonso Lopes Vieira



O grande poeta do «Pão e das Rosas» que, sem abandonar a lira, desce, por vezes, aos pégos profundos em que o Tempo e o Esquecimento escondem avaramente as mais belas preciosidades, acaba de dar-nos mais uma edição de «O Romance de Amadis».

Afonso Lopes Vieira é, na definição de D. Carolina de Michêlis de Vasconcelos, «o nobre arauto e mantenedor do Lirismo da alma portuguesa e evocador das suas mais puras manifestações».

Dr. Samuel Maia



«SEXO FORTE» — o magnífico romance do dr. Samuel Maia — aparece na sua 3.ª edição como um triunfador. Se os mais ilustres críticos reconheceram que este livro era «dum vigoroso naturalismo, forte no desenho e na mancha da paisagem beirao», não seria muito difícil prever o seu extraordinário êxito.

## FIGURAS E FACTOS

A passagem de Jean Murat por Lisboa



PASSOU por Lisboa Jean Murat, um actor cinematográfico que o nosso público conhece e estima. A sua inesperada visita deve-se ao facto de vir tomar lugar nos quatro mastros a atenção «Pádua», em viagem para Marrocos e que o mau tempo fez aribar ao nosso porto. Jean Murat, que não pudera acompanhar o barco desde o começo da viagem, aproveitou o ensejo para se reunir em Lisboa aos artistas que nele seguem para Marrocos com o fim de realizar uma película. Sabe-se que se trata do «Les Mutinés de L'Elisneur» e é extraído duma novela de Jack London. Entre os artistas que seguem a bordo conta-se Pierre Chenal, realizador francês que ainda recentemente se celebrou no filme «Crime e Castigo», que na presente época veremos em Lisboa. Durante a permanência no Tejo, filmaram-se a bordo diversas cenas dum dos seus filmes. De facto, aproveitaram os seus momentos de ócio em passeios pela cidade, que ele de resto já conhece bem, por isso que interpretou aqui diversas cenas dum dos seus filmes. De facto, como muitos dos nossos leitores decerto ainda se recordam, Jean Murat interpretou entre nós a «Sereia de Pedra», em que fazia o papel de D. Pedro I, e mais recentemente o filme de ambiente cosmopolita «Estupefacentes», em que colaboraram outros grandes artistas como Peter Lorre e Danièle Parola. Neste último convém lembrar que figuraram a título incidental dois artistas portugueses: Nascimento Fernandes e Maria Amélia. Jean Murat não perde ocasião alguma de se referir com simpatia ao nosso país e pode dizer-se que é o actor de cinema estrangeiro que mais intimamente nos conhece. Digamos para terminar que casou há poucos meses com a inteligente actriz francesa Annabella.

Dr. Antero de Figueiredo



DA obra já consagrada do ilustre académico dr. Antero de Figueiredo não poderíamos preferir este ou aquele livro porque todos são bons e empolgantes. Dizer isto também não constituiria novidade para os nossos leitores. Se destacamos hoje a «Senhora do Amparo» é tão somente para dar a notícia de que foi posta à venda a sua 5.ª edição novamente revista, tudo levando a crer que se esgotará tão rapidamente como as anteriores. E digam depois que não ha leitores em Portugal.

Prof. Lucien Pautrier



O notável professor catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de Estrasburgo, sr. dr. Lucien Marie Pautrier, que, acompanhado de sua filha, veio de visita ao nosso país. O sr. dr. Pautrier é uma autoridade mundial em dermatologia, e ainda recentemente a Faculdade de Medicina de Coimbra lhe prestou homenagem, conferindo-lhe o grau de doutor «honoris causa».

## As eleições em Inglaterra



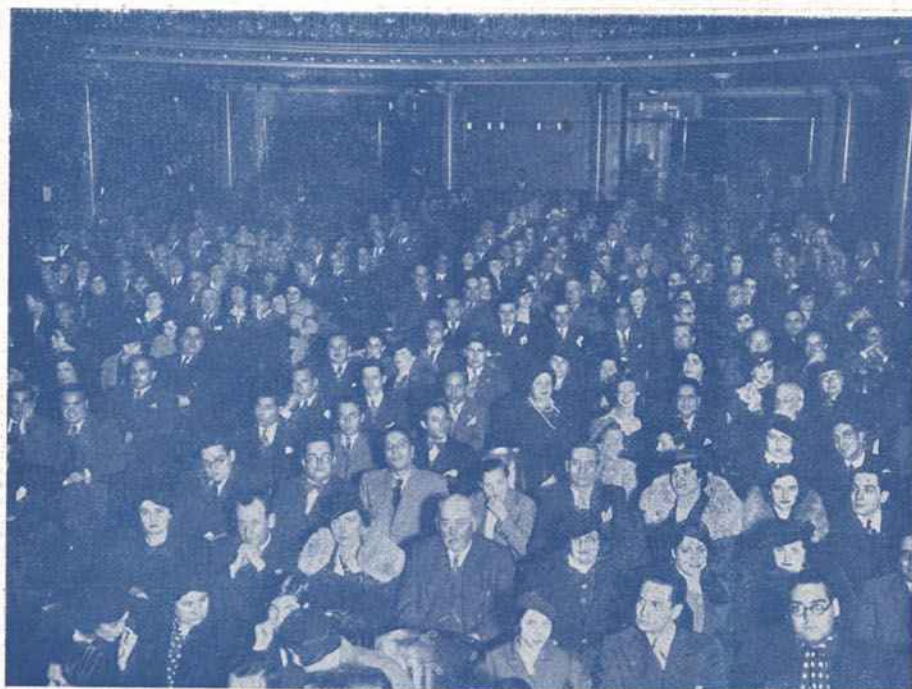
Da esquerda para a direita: Ramsay Mac Donald, Balawin e Lloyd George

REALIZARAM-SE no dia 14 deste mês em Inglaterra eleições parlamentares que justificaram o mais vivo interesse não só naquele país como em todo o Mundo, pelos seus possíveis reflexos na politica internacional. Como se previa, os governamentais conservaram a maioria, mas os trabalhistas registaram sensíveis progressos, pois não só elegeram um número maior de representantes como as suas minorias nos círculos onde foram derrotados aumentaram consideravelmente em relação às eleições de 1931. Há a registar a nítida derrota dos liberais da oposição, que se reflectiu mesmo na votação do seu chefe, Herbert Samuel, vencido pelo candidato conservador no círculo cor onde se propuzera. Em relação aos problemas internacionais que neste momento ocupam as atenções da Inglaterra, pode prever-se que a sua politica não sofrerá alterações. Fortalecido pela votação, o Governo prosseguirá com maior firmeza no caminho já traçado. O acto eleitoral decorreu na mais perfeita ordem e o povo britânico deu assim mais uma admirável lição de civismo. Acrescentamos para terminar que as eleições tiveram o seu episódio sentimental com a derrota de Ramsay Mac Donald e seu filho, vencidos pelos candidatos da oposição. Diz-se que dois deputados governamentais resignarão os seus lugares para que o antigo Primeiro Ministro e seu filho possam ser re-eleitos noutra círculo.



# NOTÍCIAS DA QUINZENA

Novo ministro da Letónia



**A festa do Rádio Club**

No S. Luiz Cine realizou-se no dia 4 do corrente uma festa promovida pela comissão que se propõe reconstruir os estúdios do Rádio Club Português destruído há tempo, como se sabe, por um incêndio. A parte principal do programa foi preenchida por um concerto da Grande Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, sob a direção do maestro Pedro de Freitas Branco. Diversos artistas apresentaram-se em números de música e canto que obtiveram grande êxito. Uma das atrações da festa consistiu na apresentação da já célebre orquestra «Aldrabofo» que foi muito aplaudida. Damos em cima um aspecto da assistência e à direita o grupo dos «Aldrabofo».



APRESENTOU as suas credenciais ao Chefe do Estado no dia 5 do corrente, o novo ministro da Letónia em Lisboa sr. Olgerd Grosvald. O novo diplomata foi conduzido ao palácio de Belém pelo sr. Luiz Barreto da Cruz, director do Protocolo e introduzido no salão Luiz XV onde já se encontravam os srs. general Carmona, dr. Armindo Monteiro, o pessoal do seu gabinete e alguns funcionários da Presidência. Procedeu-se à entrega das credenciais trocando-se afectuosos discursos.

A 16 horas do mesmo dia, o novo ministro da Letónia foi depôr um ramo de flores no monumento aos Mortos da Grande Guerra. Era acompanhado pelo sr. Barreto da Cruz e aguardava-o no local um representante do sr. ministro da Guerra, além de outras individualidades.

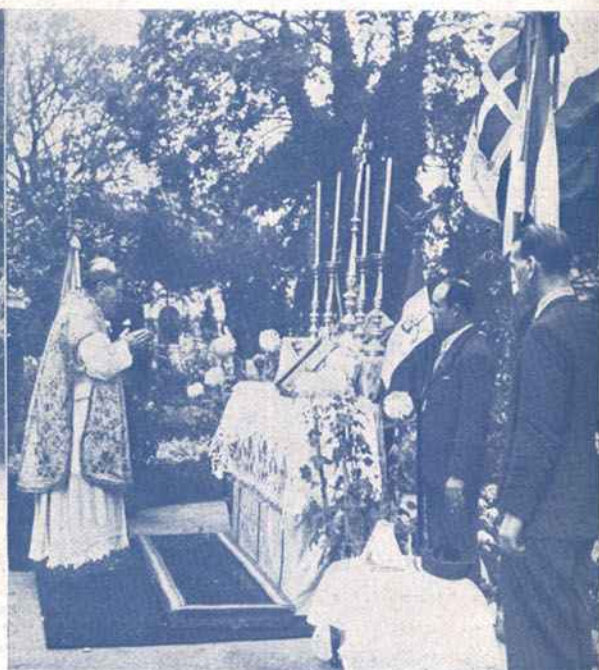
O esquadrão da G. N. R. que escoltava o diplomata formou em frente do monumento tocando o clarim a continência no momento em que o ministro depunha as flores no pedestal.

A nossa gravura representa o sr. Olgerd Grosvald acompanhado pelo sr. Luiz Barreto da Cruz.

## XVII aniversário da entrada das tropas italianas em Trieste



Itália comemorou no dia 4 deste mês o XVII aniversário da entrada das suas tropas em Trieste. Nos jardins do palácio da Legação em Lisboa realizou-se por esse motivo uma cerimónia religiosa ao ar livre em redor do obelisco erigido à memória dos Italianos mortos na guerra. Foi oficiante o reitor da igreja do Loreto, rev. D. Biagio Rotondano. Assistiu quasi toda a colónia italiana de Lisboa, a quem o ministro daquele país, sr. Alberto Tuozzi ofereceu no final um «copo de água». Usaram da palavra o sr. Rizetti, presidente da Liga dos Combatentes Italianos e o sr. ministro da Itália. A 17 horas, o sr. Alberto Tuozzi deu recepção à colónia do seu país. As nossas gravuras representam: em cima, alguns dos assistentes à cerimónia religiosa; à direita, o reverendo Rotondano celebrando a missa campal.





## DIA DE FINADOS

**D**IA de Todos os Santos e Dia de Finados foram este ano, como é uso, de piedosa romagem às campas daqueles que a morte levou para sempre. O sentimentalismo da nossa raça é nestes dias mais vivo do que nunca. Sobre a terra tranqüila dos cemitérios ficam esparsos braços de flores—crisântemos na sua maioria—que exprimem nesta quadra do ano a saúde dos vivos pelos mortos. E sobre as sepulturas curvam-se figuras dolorosas em atitudes de recolhimento. Os mortos ressurgem, entre névoas de lágrimas, na memória daqueles que os amaram.



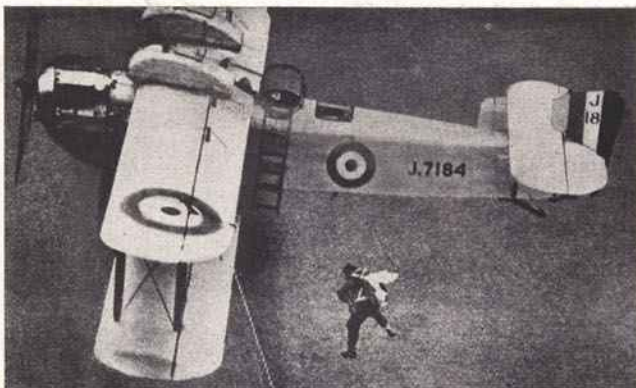
## TRÊS MORTOS ILUSTRES

No curto espaço de quatro dias, três individualidades eminentes foram arrebatadas pela morte ao convívio dos que as estimavam e admiravam. O primeiro foi Cândido Soto Mayor, figura em destaque nos meios financeiros de Portugal e Brasil, onde conquistara a mais justa reputação à custa duma vida árdua de trabalho honesto e inteligente. Morreu em 29 do mês findo. No dia seguinte registava-se o falecimento do conselheiro Frederico Ramires, conceituado industrial algarvio e antigo político, pai do engenheiro Sebastião Ramires, actual ministro do Comércio e Indústria. Finalmente, no dia 1 deste mês, falecia o capitão de mar e guerra Correia da Silva, comandante do «Bartolomeu Dias» e um dos oficiais mais ilustres da nossa Armada. Os três funerais, constituíram grandes manifestações de pesar.

*N' esquerda: O feretro de Cândido Soto Mayor saindo da sua residência. Em baixo: Aspectos dos funerais do conselheiro Frederico Ramires e do comandante Correia da Silva*







A largada do avião, com o aparelho ainda fechado, e a fase mais emocionante da descida em paraquedas. À direita: Um curioso aspecto da largada de conjunto, em paraquedas; à direita e três homens num pedaço de céu

As atenções do público desportivo lisboeta fixam-se nas peripécias do campeonato de football que está decorrendo num ambiente de incerteza pouco vulgar, pois quase a meio caminho do torneio são quatro dos seis competidores, aqueles que ainda podem alimentar esperanças no triunfo.

As próximas jornadas, — não esqueçam os leitores a antecedência com que estas linhas são escritas relativamente à sua divulgação —, compreendem os jogos decisivos e as ambições dos grandes favoritos chocam-se amanhã no campo das Amoreiras. Uma vez mais, o Benfica e o Sporting se apresentam frente a frente como os grandes e gloriosos rivais, aureolados pelo prestígio dum passado que não sofre comparações no historial do desporto português.

O club do Campo Grande veio dar à competição regional um aspecto inédito e excitante da curiosidade popular, incluindo no seu grupo de honra um jogador austríaco que simultaneamente desempenha o cargo de treinador, e três jogadores brasileiros de grande classe, que alternarão com os elementos nacionais de reconhecido valor, já recrutados nas hostes sportinguistas.

O ponto de vista doutrinário que preside a esta utilização de jogadores estrangeiros, têm sido, a propósito da atitude dos dirigentes "leoninos", muito discutido no meio footballista; aprovam uns, censuram outros.

Pela nossa parte, e encontramos a nosso lado excelentes companheiros, reputamos absolutamente interessante e útil para o progresso e propagação do jogo da bola redonda, o contacto íntimo dos portugueses com elementos de comprovada classe, vindos de além fronteiras. Trazem-nos ensinamentos, constituem um incentivo poderoso e um novo motivo de atracção para o público, sem o qual os agrupamentos não podem viver.

A demonstração comprovativa do nosso critério está na profunda evolução da forma de jogar do trio central atacante do Sporting desde que o austríaco Posak nele ocupou um lugar. A mecânica geral do grupo modificou-se por com-

pleto, revelando novas possibilidades que é lícito supor brevemente confirmados em todo o football nacional. Esperamos com vivo interesse os jogos contra equipas estrangeiras, em via de organização para a época do Natal, na esperança de virmos a encontrar o sintoma ambicionado dum progresso definido do jogo português, bem oportuno em vésperas dos severos encontros que, em Janeiro e Fevereiro, colocarão frente aos nossos seleccionados, os representantes da Alemanha e da Austria.

Os restantes desportos da quadra invernal dormem ainda o sono dos justos, ou dos letárgicos.

O hockey, o rugby e o basket não deram sinal de vida activa, e o handball, após umas primeiras jornadas animadoras, esteve quinze dias à espera de preparar árbitros para dar início ao seu campeonato.

A modalidade, que caiu nas boas graças do público, dos praticantes e dos dirigentes, acusa consideráveis progressos, tanto em difusão como em técnica, ou ainda em importância social, pois há já quem pague ordenados ou ofereça subvenções para chamar a si os ases adversários; não se trata de boatos nem suposições nossas, mas sim de declarações dos próprios convidados.

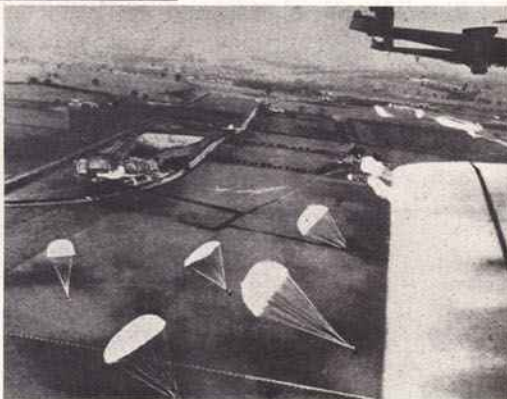
Reprovamos sem atenuantes o processo, que desmoraliza precocemente um des-

# A QUINZENADA DESPORTIVA

porto ainda na crise de adolescência, e prejudica com certeza a propaganda popular do handball, pois reduz em absoluto as possibilidades de expansão dos clubs modestos ou aos quais repugnem semelhantes manobras.

A tentação venenosa do dinheiro prossegue assim, pelo errado critério de certos dirigentes, na destruição implacável do desporto educativo e recreativo, que é aquele pelo qual verdadeiramente devemos pugnar, e o único que interessa ao Estado, cujo auxílio e fiscalização a todo o propósito se invoca.

A luta contra o falso amadorismo, au-



Os paraquedas, que se assemelham a medusas gigantes, arrancam dos aviões os audaciosos aeronautas

têntico flagelo do desporto, é hoje um dos problemas capitais no nosso meio, onde alastra de maneira alarmante. Os clubs querem conquistar a todo o custo os primeiros postos nos torneios oficiais e, porque lhe falem competências técnicas ou porque os atormenta a urgência, desprezam a preparação cuidadosa de novos elementos preferindo ir buscar, onde os haja e por qualquer forma, os praticantes já consagrados.

Esta maneira de agir envolve sérios riscos sociais, pois nada pior sob o ponto de vista moral do que convencer a mocidade de que pode mercadejar o seu esforço e angariar proventos apreciáveis pela prática desportiva sem a necessidade dum trabalho definido.

O nome do pedestrianista francês Ladoumègne volta a ocupar nas crónicas desportivas um posto de actualidade, gerando em torno de si um conflito de opiniões que põe em flagrante evidência os perigos do profissionalismo.

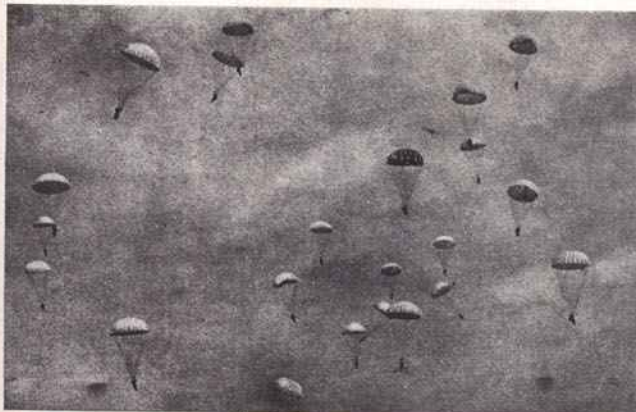
O "caso Ladoumègne", que há três anos constituiu a mais sensacional actualidade, está ainda na memória de toda a gente. Em vésperas dos Jogos Olímpicos

de Los Angeles, a Federação Francesa de Atletismo irradiou das suas fileiras, por actos de profissionalismo averiguado, o melhor dos seus atletas, o único com probabilidades de vencer uma prova olímpica. Quasi simultaneamente a Federação Internacional procedia de igual modo para com o célebre Nurmi, apesar dos protestos da entidade dirigente finlandesa.

Ambos escoraçados, os dois famosos campeões encontraram nos seus países ambientes opostos; enquanto Nurmi era apoiado pelos compatriotas que lhe mantinham intransigentemente a categoria de "amador nacional" e nêle respeitavam através de todas as contingências o homem que tanto fizera pela propagação da Finlândia no estrangeiro, Ladoumègne era completamente abandonado pelos federativos franceses, apesar da forte corrente favorável da opinião pública.

Embora ninguém duvidasse que o "recordman" mundial do quilómetro ganhava a sua vida correndo, o sectarismo gaulês interveio em favor do homem a quem a França devia as raras satisfações de triunfos internacionais, e os pobres dirigentes, cujo crime era apenas haverem aplicado a lei fundamental, sofreram rudes ataques e sentiram com frequência o amargor duma impopularidade crescente.

Por infeliz coincidência, o atletismo francês vem acusando, a partir dessa data, um declínio acentuado e, — exceptuando a inesperada vitória de Richard nos campeonatos da Europa — as suas competições com estrangeiros terminam sempre por esmagadoras derrotas. E o público, na sua paixão facciosa, clama regularmente por Ladoumègne, associando os federativos e culpando-os dum estado de coisas que é, afinal, resultado de erros e fustos críticos de orien-



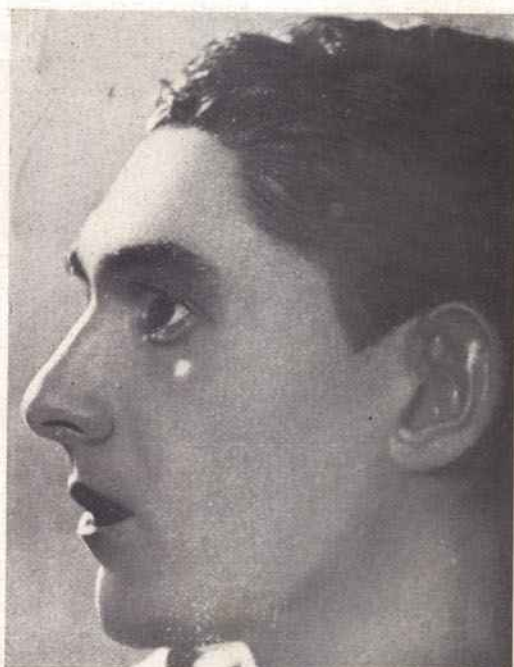
tação educativa. Os anos passaram mas o conflito não esqueceu e agora, levado por influências superiores, Ladoumègne decidiu requerer a sua reclassificação como amador; o congresso da Federação, intransigente nos seus princípios recusou sem apêlo e, levando mais longe o seu rigorismo rejeita também a sua utilização como treinador ou elemento de propaganda, alegando ser "imoral o serviço de profissionais."

Aqui arde Troia: as críticas da imprensa são severísimas, apela-se para a intervenção

do ministro da Educação Física, acusam-se os detentores do poder desportivo de política mesquinha e anti-patriótica.

No entretanto, aproveitando a efervescência, o jornal "Paris-Soir", promoveu uma exhibição pública de Ladoumègne, cujo êxito foi formidável. O corredor percorreu as artérias centrais da cidade para receber dos seus partidários o testemunho de simpatia que o compensa do repúdio federativo.

Qual será a conclusão de toda esta comédia? E' difícil prevê-la, mas desde



Ladoumègne, uma das maiores figuras mundiais do atletismo, cuja reclassificação como amador deu motivo a novas discussões

já se reconhece quanto são embaraçosos para cumprir os actuais regulamentos sedições, elaborados para uma época de que apenas nos restam raras reminiscências e não foram modificados para acompanhar a vertiginosa evolução do espírito dirigente das sociedades modernas.

As descidas em paraquedas estão hoje tão familiarizadas com a prática da aviação, que bem raros países as consideram ainda como um espectáculo raro e arrojado.

Em certas nações europeias o uso do paraquedas é considerado um autêntico desporto, existindo instalações especiais, montadas em torres de determinada altura, onde a qualquer pessoa é dado aprender a utilização e praticar no emprego dos paraquedas.

Sob o ponto de vista militar também estes utensílios desempenham importante papel e, numas recentes manobras, uma armada aérea deixou cair sobre território suposto do inimigo, nada menos de quinhentos soldados munidos de paraquedas.

Trata-se dum desporto emocionante que seria para desejar ver praticado pela mocidade portuguesa, tanto mais que a sua utilidade é incontestável.

Nestas páginas reproduzimos alguns curiosos instantâneos de saltos em paraquedas, que mostram diversos aspectos da descida.

Salazar Carreira.



A Exposição de Pintura de Fausto Sampaio



O pintor Fausto Sampaio realizou no salão da Sociedade Nacional de Belas Artes uma exposição de trabalhos seus que foi muito visitada e mereceu da crítica apreciações elogiosas. Reproduzimos dois desses quadros. Em cima, «Fortaleza de S. Sebastião, em S. Tomé» e ao lado «Praia da Nazaré»

O CIRCUITO AUTOMOBILÍSTICO DO ESTORIL



Em cima: Os vencedores do Circuito Automobilístico do Estoril, António Herédia, Soares Mendes, Jorge Monte Real, António Ribeiro Ferreira, Manuel Nunes dos Santos, Henrique Lehrfeld e José Alves da Silva, respectivamente 3.º, 2.º, 1.º, 5.º, 4.º e 6.º classificados. — Em baixo: Um aspecto da assistência à distribuição dos prémios



# O HOMEM DE IDADE MADURA

**P**ARECE que o reinado da juventude vai passando de moda, especialmente, mais especialmente, da juventude masculina.

E têm disso a culpa os próprios rapazes que parecem comprazer-se em abdicar dos seus atributos másculos, feminilizando-se demasiadamente com as suas preferências pelos bolos e pelas bebidas fracas e adocicadas, além de outros erros que muito contribuem para lhes tirar o encanto que dantes exerciam na mulher.

Além disto eles não sabem ou não querem compreender a alma feminina, e não têm para a mulher essas delicadezas e êsses pequeninos cuidados que os rapazes de outro tempo concediam generosamente e de boa vontade à sua antagonista nas pugnâncias do amor.

Eu não digo que em grande parte não caiba culpa às evas de hoje dêste estado de coisas, com essa mania de quererem parecer mais fortes, e com essa ânsia de independência que caracteriza a mulher moderna, que vai até julgarem algumas que passam bem sem os homens.

Sim, eu já tenho tratado desta nova modalidade do espírito das mulheres de agora e não as aprovo inteiramente, muito longe disso.

Mas não é só esta, a causa dêste desinteresse que a mocidade masculina de nossos dias demonstra pela mulher.

É uma transformação quasi inconcebível e só fácil de explicar por certas teorias psicológicas muito da predileção dos êmulos de Freud e que pode muito bem chamar-se a pedra de toque dos tempos que vamos atravessando.

■  
Êstes rapazes de agora são incapazes de despertar na alma e nos nervos de uma mulher as vibrações que os seus pais sabiam provocar às vezes até com um simples gesto de galanteria, com um daqueles madrigais em prosa simples e despretenciosa, mas suculenta de sentido, que davam a visão da felicidade, quando ela andava ainda longe e talvez inacessível.

Sabiam criar a ilusão de uma forma definitiva e convincente, e, como é certo que a ilusão é sempre superior à realidade, a ventura existia sem existir.

Admiráveis prestidigitadores, os homens de outro tempo mudavam lágrimas

em sorrisos com uma palavra gentil dita a tempo e bem dita.

Se não eram sinceros, sabiam fingir e, como "sincero ou falso tem o beijo igual sabor," e êsse beijo era bem dado, a ambição suprema da suprema ilusão atingia sem custo o seu fim. E que mais era preciso para conquistar a mulher?

É por isto, por esta falta de interesse que a mulher sente hoje em sua volta, que ela parece voltar-se decididamente para o homem maduro, que conserva a arte de agradar e saber amar, sem desiludir.

Esses homens de quarenta para cima, pelo seu passado amoroso que lhes marcou uma reputação simpática, estão exercendo uma grande influencia na escolha a fazer de um parceiro competente para uma partida galante no campo da fantasia da felicidade amorosa.

Desanimadas pela atitude dos rapazes do seu tempo, as raparigas voltam-se para os homens de certa idade com referências animadoras no seu passado.

E é assim que hoje, no entusiasmo das cinéfilas, já não são os Ramons Novarros, nem os Garats, os vários meninos bonitos que enxameiam no "écran" que gozam do "gros plan" avassalador.

Hoje, as raparigas escrevem mais aos galãs já amadurecidos pelo sol de quarenta ou cinquenta estios.

■  
Ainda há pouco li num jornal francês da especialidade que Vitor Francen, um actor já longe dos quarenta, tinha uma perigosa influencia no coração das donzelas sonhadoras e românticas.

Aquele seu ar de vencido da vida e aquele quebranto que lhe embacia o olhar têm mais poder, sobre a imaginação das mulheres, do que mesmo o físico inquietante de Jean-Pierre Aumont — o "banheiro" do *Lago do Amor*.

E porque? Pelo que eu já disse.

Certamente que nem todos os rapazes



da hora presente enfermam do mesmo mal.

Há muitos — há-de haver muitos com certeza — que herdaram dos seus maiores a fôrça de sedução e o sentido másculo do amor.

Mal da sociedade, mal dos povos, se assim não fôsse.

Podem mesmo dizer-se que os prevaricadores são excepção? Decerto, mas uma excepção muito avantajada que convém atacar.

E, como sempre o justo pagou pelo pecador, os que ainda são dignos da preferência das mulheres ficam prejudicados.

Depois, há outro motivo também, e dos mais fortes, que muito influe na decisão das mulheres.

E' que os rapazes hoje fazem-se bonitos, narcizam-se muito, cuidam de si demasiadamente, e, portanto, pouca atenção podem prestar à namorada ou à noiva.

E a mulher não perdoa ao homem que nela não repare e que não esteja sempre atento aos seus desejos de galanteio.

Um homem que se vê muito ao espelho e que é vaidoso de seus dotes físicos não pode ser um bom galanteador.

E aqui está, também, uma das razões porque a mulher de hoje prefere um homem maduro a um rapaz e, entre os rapazes, escolhe um menos bonito, um feio simpático que tenha mais tempo para a mirar e amar, e gaste menos em pomadas e perfumes, e não rivalize com ela na ondulação permanente.

Mercedes Blasco.





Feliciano da Costa

Chegado a esta cidade, Feliciano da Costa hospedou-se no Hotel Excelsior como lhe impunha a sua elevada categoria diplomática. Fui visitá-lo aí, nesse luxuoso hotel da Via Veneto. Cumpria me este dever de delicadeza. Como tencionava embarcar no dia imediato para Lisboa, no gódo da suspirada licença regulamentar dos três anos, que garante aos funcionários visagem graciosa, fui ao hotel cumprimentar o novo ministro e, considerando-o meu superior hierárquico, receber as suas ordens.

O novel plenipotenciário acolheu-me friamente, com ar carrancudo. Não me ligou mesmo quasi atenção, tratando-me como se eu me houvesse transformado em soldado raso do seu antigo regimento, e lhe estivesse solicitando... dispensa de recolher. Não se ergueu da

Nos tempos de Sidónio Pais foi nomeado nosso ministro junto da Santa Sé o brioso e inteligente capitão Feliciano da Costa, que uma pertinaz e fatal doença de rins matou há tempos, prematuramente.

Tomara parte activa e de relêvo na organização e eclosão do movimento deembrista, chefiado por aquele visionário político, sendo um dos membros da Junta Revolucionária.

Em dado momento, Sidónio Pais, procurando afastar da governação um tão irrequieto colaborador que prepara na prisão com o general Ilharco, e talvez para lhe modelar os ímpetos belicosos e as irreverências jornalísticas, decidiu arranjar-lhe lugar de representação que estivesse à sua altura no estrangeiro.

Nessa altura, encontrava-se vaga a legação portuguesa junto da Santa Sé. Não era o melhor lugar para o irreverente Feliciano que, tendo excelentes qualidades, não tinha ainda o necessário treino para representar Portugal junto do Santo Padre.

Ministro de Portugal no Vaticano? Quem? Um capitão de cavalos? Chegou a fazer-se graça com esta escólha, mas Sidónio Pais, senhor da sua vontade, não esteve com hesitações e despachou o capitão para Roma.



Cardinal Gasparri

se sentisse mal humorado, não me indicou, a tempo, uma cadeira para me sentar.

Em resposta aos meus cumprimentos, safu-se com esta frase pouco diplomática que me fez cair das nuvens:

— Ah! vai para Lisboa? Olhe, se falar com os gajos da Contabilidade dos Estrangeiros, descomponha-os da minha parte, e diga-lhes que me mandem os cheques.

Diabo! Eu não conhecia bem o novo ministro mas esperava dèle outra fraseologia. Tinham-me dito que se tratava dum «capitão de cavalos», e, com efeito, a recepção que me fez confirmava plenamente as informações recebidas.

Perfillei-me como se me encontrasse na caserna, e respondi o mais disciplinadamente que me foi possível:

## ATRIBUIÇÕES DUM DIPLOMATA

# Feliciano da Costa e o Vaticano

### Ir a Roma e não vêr o Papa!

— Serão cumpridas as ordens de V. Ex.ª, sr. ministro.

Em boa verdade, eu teria preferido dizer:

— Pronto, meu capitão! lá darei aos gajos da Contabilidade o recado de Vossa Senhoria.

Mas, encontrando-me à paisana, limitei-me a responder o que acima fica dito.

Logo que cheguei a Lisboa, apressei-me a cumprir as ordens do meu ministro e procurei os gajos da Contabilidade dos Estrangeiros, aos quais transmiti, *ipsis verbis*, a eloquentíssima descompostura.

Calcula-se o escândalo! Responderam-me danados:

— Pois diga-lhe que não há mais cheques!

E assim fizeram.

A vingança é o prazer dos deuses!

Quando veio a ocasião de me apresentar, no Ministério das Finanças, ao meu director-geral, o illustre burocrata agora aposentado e sempre miguelista intransigente, sr. Silva Bruschi, ouvi da sua boca autorisada, com manifesta surpresa, que o jovem plenipotenciário, durante a minha ausência, oficiara a declarar-se «incompatível comigo!»

Fiquei tão assombrado como se me tivesse caído um raio aos pés.

Mas que teria eu feito? Francamente não atinava.

— Que diabo de questão amou Você com o Feliciano da Costa? Ele não o quer em Roma... Faz questão do seu regresso a Lisboa.

— Não compreendo, porque eu só lhe falei na véspera da minha abalada para Lisboa.

— Essa agora!

— E' assim tal e qual, sem tirar nem pôr. Falei-lhe uma vez... e para o cumprimentar. Além disso — acrescentei — só o conhecia de nome.

— Pois o Feliciano — informou Silva Bruschi — declarou-se incompatível com você. Não se apoquento, porém... o assunto já está solucionado. O ministro (era nessa altura o illustre oficial do exército, sr. Tamagnini Barbosa) entendeu que não havia motivo para o afastar do

seu lugar. Portanto, o caso está arrumado.

Do mal o menos.

Mas que mal teria eu feito ao capitão Feliciano da Costa?

Quando me apresentei por um dever de cortezia a receber as suas ordens, encarregou-me de dizer aos «gajos da Contabilidade que lhe mandassem os cheques». Cumpri tão fielmente o encargo que até empreguei textualmente as suas expressões. Que mais poderia ele desejar?

Enfim, logo que regressasse a Roma, teria ocasião de satisfazer a minha curiosidade, trocando explicações com o diplomata. Ficaria assim desfeito qualquer mal entendido.

Não me foi dado êsse prazer. Quando, decorridos os três meses da minha licença, voltei à capital da Italia, não encontrei já o brioso e valente militar que emburrara comigo. Tinha-se feito de vela para Lisboa. Disseram-me que o capitão Feliciano da Costa abandonara, aborrecido, o seu posto de ministro junto da Santa Sé sem mesmo entregar as credenciais, e que a razão principal do seu afastamento havia sido provavelmente provocada pelos «gajos da Contabilidade», que lhe faltaram

Vista geral do Vaticano



com os cheques talvez prometidos ou com os quais êle contava.

Não invento.

Causou certa sensação o regresso do jovem diplomata a Lisboa, tendo sido urdiduras, a propósito, as mais picarescas aneddotas.

«O Primeiro de Janeiro», de 28 de Novembro de 1924, pela pena do seu solícito correspondente em Lisboa, aludiu singelamente a êste singular episódio. Do seu relato registarei a parte mais interessante:

«Houve quem interrogasse o cardinal secretário da Santa Sé, o eminentíssimo Pietro Gasparri, acêrca da opinião que formara do nôvel diplomata de tão êfêmera carreira, durante a audiência que lhe concedera.

«O illusterrissimo purpurado, do alto dos seus oitenta anos e com apuradíssima experiência do mundo e dos homens, respondeu — segundo se diz — recordando a curta conversação que com êle travára:

— *Lui, in verità, è un bel giovine, molto gentile e mi sembra intelligente, ma per ministro presso la Santa Sede... per carità; bisognerebbe avere dei capelli bianchi...*»

Feliciano da Costa retirou-se da Cidade Eterna com o penduricalho papal da praxe, e distribuiu, ao despedir-se dos colegas, bilhetes de visita em que se intitulava ministro *près le Vaticano*.

Para êle, brioso e inteligente, mas descurado, não havia diferença entre a Santa Sé e o Vaticano!

A culpa de não prosseguir na carreira diplomática coube — ia jurá-lo — aos «gajos da Contabilidade dos Estrangeiros».



Feliciano da Costa, ministro de Portugal junto da Santa Sé

A incompatibilidade que manifestou comigo foi um mero pretexto para reopontar, e regressar a Lisboa.

Assim é que deve estar certo.

Feliciano da Costa regressou a Lisboa e provou exuberantemente as suas faculdades de político, de jornalista e até de diplomata. Em momentos bem agitados do período sidonista deu provas duma tal sensatez que até parecia ter já os cabelos brancos que o cardinal Gasparri não lhe encontrara.

Assumindo a direcção do jornal «A Situação», escreveu dezenas de artigos, cujo merecimento foi reconhecido até pelos próprios adversários.

Não lhe faltavam, portanto, qualidades para bem se desempenhar da sua missão diplomática.

Quando a morte o arrebatou tão prematuramente, lamentei-o, como se dum amigo íntimo se tratasse.

Pobre Feliciano!

Se fôsse vivo, seria êle o primeiro a achar graça a êste curioso episódio da sua carreira na diplomacia e que eu ainda recordo com muita saudade.



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.<sup>a</sup> ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

RECTIFICAÇÃO

No n.º 45 desta secção, na charada n.º 16, terceiro verso, onde se lê apenas deve ler-se *afenas*.

IMPRENSA

A *Charada*, de Lisboa. — Surpreendeu nos verdadeiramente, tais as grandiosas transformações por que passou, o novo aspecto com que se apresenta o n.º 2 desta interessante e útil revista de propaganda charadística.

Sem fugir ao programa traçado de início, antes abraçando-o com fé e ardor inquebrantáveis, a *Charada* surge agora altiva, orgulhosa talvez da sua nova *indumentária*, dos elementos de informação, que muito interessam aos edipistas, espalhados pelas suas colunas, isto sem brigar com a parte charadística propriamente dita, na qual, como no seu primeiro número, se destacam esplêndidas produções em prosa e verso, que ilustres e consagrados cultores lusos honrosamente subscrevem. No limitado espaço de que dispomos para estes assuntos não nos é possível dar uma idêa sequer aproximada do que constitui este 2.º número de *A Charada* agora lançado a público. Não perde com isso a revista, porque muito acima da nossa opinião está o bom acolhimento que a família charadística lhe dispensa, e isso vale mais do que todas as críticas — porque é a sua consagração máxima. Um *bravo*, pois, aos seus inteligentes directores.

CORREIO

*Sileno* — Lisboa. Muito e muito gratos por tantas gentilezas. Sinceramente desejamos que a saúde volte — e com ela o prazer de continuar a produzir, como até aqui, verdadeiros mimos de poesia, tanto do nosso agrado, para honra do charadismo e satisfação de quantos nestas colunas encontram um autêntico gozo espiritual.

*Efonsa* — Vila Silva Pôrto — Bié. Os nossos melhores agradecimentos pelo figurado que acompanhou a sua carta de 5 de Outubro último.

Para provar que os seus trabalhos merecem a nossa franca aceitação basta compulsar a *Ilustração* n.º 234, de 16 de Setembro findo, em que publicámos um dos seus figurados.

Rogamos ao prezado confrade, logo que possa, nos envie uma boa remessa de trabalhos desenhados, em prosa e em verso.

*Pedro Sem* — Lisboa. São as seguintes: *Mefistofélicas*, *metagramas*, *novíssimas* e *sincopadas* — em prosa em verso; *enigmas* em verso e *logogrifos*; *enigmas figurados* e *pitorescos*. Aguardamos a sua prestante colaboração e agradecemos.

APURAMENTOS

N.º 37

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

JOBEMA

N.º 22

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

ZÊ DAS HÓSTIAS

N.º 21

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 9, Jobema; n.º 5, Augusta Vitória; n.º 23, Veiga.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 46

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totaliaaee — 23 pontos:  
Alfa-Romeo, Frá-Diávolu, Cantente & C.<sup>a</sup>, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Magnate, Kábula.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 21 — Salustiano, 19. — Rei-Lu-so, 19. — Só-Na-Fer, 19. — Só Lemos, 19. — Sonhador, 19. — João Tavares Pereira, 16. — Lamas & Silva, 16. — Salustiano, 14.

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 11. — Lisbon Syl, 10. — Aldeão, 9

DECIFRAÇÕES

1 — Nona-nada-nonada. 2 — Como-moção-comoção. 3 — Enga-gano-engano. 4 — Farta-rapazes. 5 — Navalhada 6 — Alvão. 7 — Furacão. 8 — Janota. 9 — Prostrado. 10 — Rosalina. 11 — Magnate-mate. 12 — Carola-cala. 13 — Vencida-venda. 14 — Figado-fido. 15 — Esputo-esto. 16 — Dogura-Dora. 17 — Conduta-conta. 18 — Ternura-terra. 19 — Fenece (FNC). 20 — Amor. 21 — Porque. 22 — Forame-fome. 23 — A lima lima a lima.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Qualquer sinal de nascença desaparece com a obscuridade. (2-2) 3.

Lisboa Bisnau (T. E.)

2) Com um só golpe trespasssei o homem situado no meu caminho. (2-2) 3.

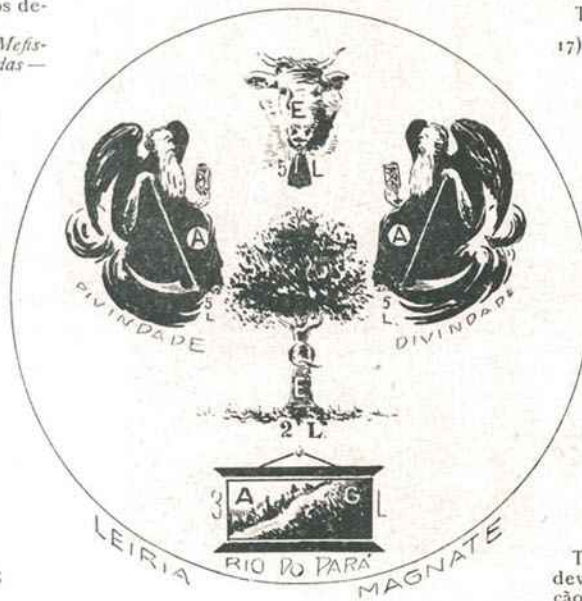
Leiria Deka

3) Dei um bofetão ao marinheiro por não ser capaz de saltar o valado. (2-2) 3.

Leiria Magnate

TRABALHOS DESENHADOS

21) ENIGMA FIGURADO



4) Quem tira defeitos a uma medida antiga pode usar camisa de uma espécie de chita. (2-2) 3.

Luanda Ti-Beado

NOVÍSSIMAS

5) Porque será que se chama *bagalho* ao dinheiro? 1-2.

Lisboa Bisnau (T. E.)

6) Se *arranhas* a cara com *sum* limote fica-te a pele como a escama dum *peixe*. 2-1.

Leiria Magnate

7) Garanto-te que a *placa* não produz um *placalito*. 2-1.

Lisboa Sopomac

8) O falso devoto tanto *reza* que até fica *idiota*. 2-1.

Luanda Ti-Beado

SINCOPADAS

9) Que *vileto* tão *mimoso*! 3-2.

Coimbra Gisita (C. C. C.)

10) Toda a *rólha* que é bem feita tem o *leitio* dum tronco de cone. 3-2.

Lisboa Júlio César

11) Estava no *refeitório* quando o *Deus dos amatongas* entrou. 3-2.

Leiria Kábula

12) És um *intrépido poeta*. 3-2.

Lisboa Sopomac

13) Grande *porção* de pestanas ensombra os olhos desta *mulher*. 3-2.

Luanda Ti-Beado

14) No Mundo não tem boa sorte senão quem *alcança* por sorte a que *tem*. 3-2.

Lisboa Veiga

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

15) Pondo as primas nos extremos, E entre ambas, mesmo ao meio, Novecentos e noventa, Qualquer coisa já teremos, Mais dez depois de permeio E vereis que representa O todo, bem alinhado, Neste singelo lirismo, Bem conhecido ditado, Ou melhor, um *aforismo*.

Tórres Vedras Alfa & Omega

NOVÍSSIMAS

16) Sou *sincero* quando imploro — 1  
«O» favor dum cidadão, — 1  
Solicito, gemo e choro,  
Mas o meu apêlo é *vão*.

Tórres Vedras Alfa & Omega

17) *Homem velhaco* que importa — 1  
Que dêle qualquer dê cabo?  
Se um velhaco é *repugnante*, — 3  
Que o leve, por isso, o *diabo*.

Coimbra José Tavares

SINCOPADAS

18) Ai como sonhar é ledó!  
E que bom ver no escuro  
Esse teu rosto tão *puro*  
A beijar-me *quási* a mão... — 3-2.

Lisboa Frei Satanaz

19) É tão *falso* e *traçoiro*  
Teu olhar — meu triste fado —  
Que até se mostra *altaneiro*  
Depois de tudo *acabado*. — 3-2.

Coimbra José Tavares

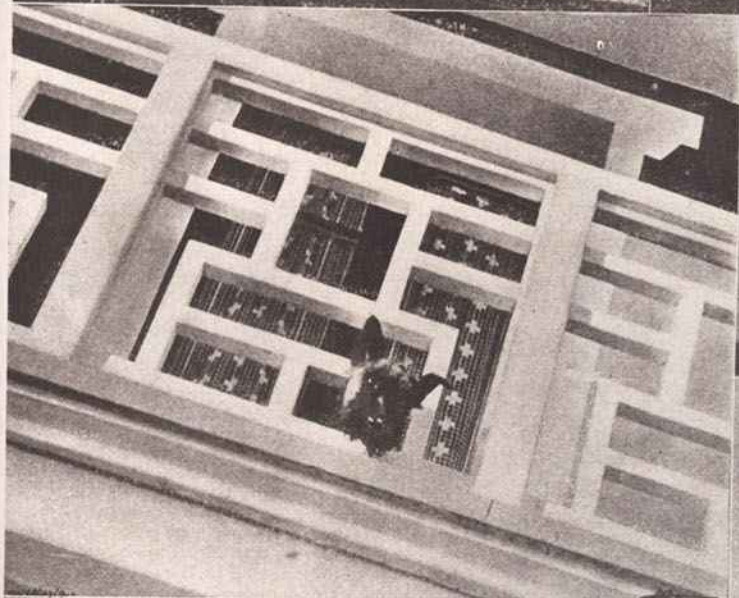
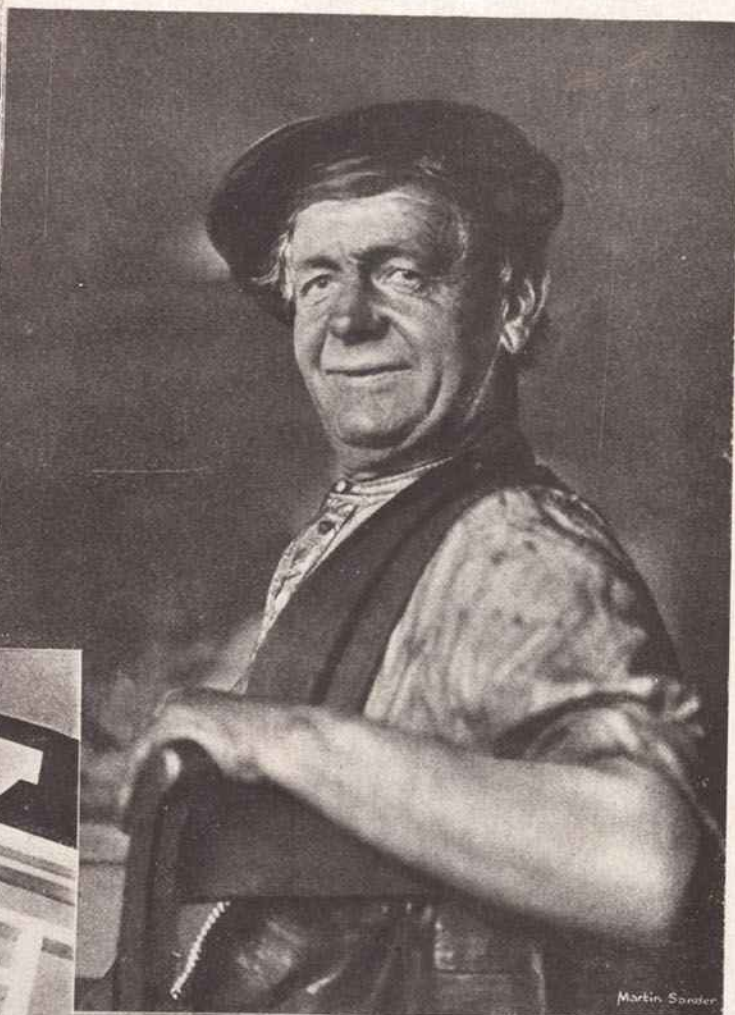
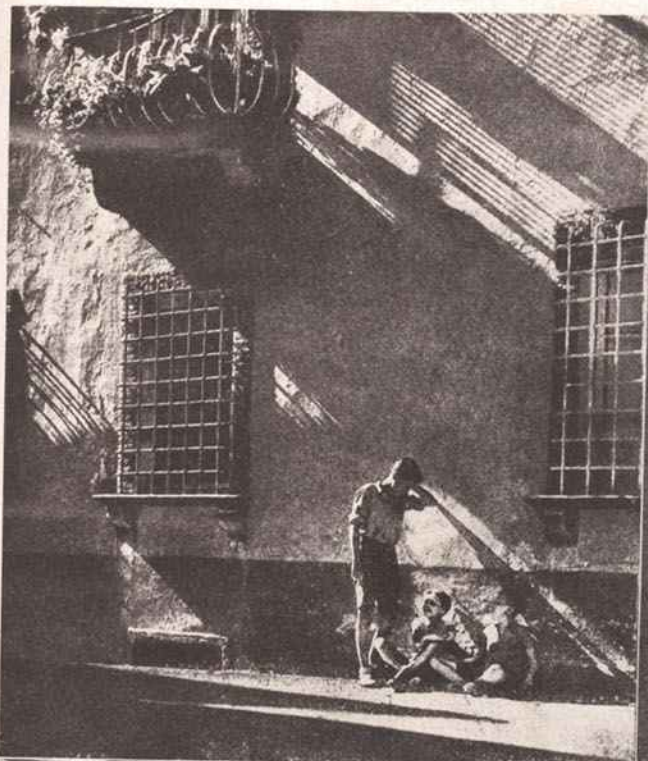
20) Se Deus um dia me ouvir  
E me quiser *ajudar*,  
Levarei a vida a rir,  
A folgar e a *namorar*. — 3-2.

Colares Maria Luiza

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.



## O Salão de Fotografias de Londres



O Salão anual de fotografias que se realiza em Londres constitui sempre um acontecimento de alto relêvo artístico. Reproduzimos nesta página alguns dos trabalhos expostos iêste ano. Ao lado esquerdo, de cima para baixo: «Sombras cintilantes» de Symes, «Coquetaria» de Gianassi, «Canção primaveril» de Szölözi e «Beleza negra» de Swan. A' direita: «O maquinista de circo» de Sander e «Flirtation» de Erno Vadas. Os críticos ingleses assinalaram neste certame sensíveis progressos da arte fotográfica.





ainda muitos encantos para quem saiba gozá-los na calma dos afectos familiares, na certeza do que é a vida, na saúde dos que se perderam, na espera: a dos que crescem e que alegrarão a vida com a sua mocidade e a sua alegria. Querer ser primavera, no outono, é o grande erro de muita mulher.

As folhas verdes dos primeiros rebentos, não se parecem com as folhas douradas, vermelhas, que o sol ardente do verão queimou, que as primeiras neblinas enlurecem.

A beleza dos vinte anos cheia de dusões, iluminada pelo sol da mocidade, pela esperança da felicidade, não pode ser comparada à beleza emurcheada pelas desilusões, crestada pela vida, mas que pode ter ainda os seus encantos.

Saber viver a vida é saber ser feliz em todas as estações do ano, em todas as estações da vida. Ser feliz na infância, na mocidade, na meia idade e na velhice. Viver a primavera, o verão, o outono e o inverno.

A primeira coisa que é preciso para que o outono seja brilhante, para que a mulher seja bela e não se torne ridícula é o não querer ser menina quando a idade lhe indica que já o não deve ser, é o compreender que a beleza do outono está na sua dolmática dourada e não na verde tímica da primavera.

O outono é no nosso país, a mais linda estação do ano. Há muitos anos que eu não passava o mês de outubro no campo e este ano forçada por motivos de família, passei-o no Minho numa linda aldeia, próximo do mar, junto de montanha e mata frondosa, um lindo vale aos pés, o mar ao longe. O que é o campo nesta época só a pena dum grande escritor ou o pincel dum grande pintor o podem fazer compreender.

A beleza desses campos verdes dum tom azuladado, emoldurados pelas vinhas cujas folhas vermelhas, dão o aspecto de barras em tapetes é tão deslumbrante, que não há palavras que a possam definir.

De manhã e à tarde levas véas de neblina envolvem a doce paisagem numa gaze que a fantasia de qualquer mulher sonharia para se envolver.

As manhãs com o nascer do sol, com os vermelhos da aurora tornam-se soberbas e ao longe o sino da linda igreja da aldeia, chama os fiéis à oração, para que agradeçam a Deus o viver num tão lindo recanto.

O pôr do sol é sempre uma apoteose à cor. No mar azul escondem-se ao longe o sol e todos os dias é um espectáculo.

Uma tarde parece nascer das águas uma cidade, que as nuvens fazem erguer em basílicas, torres e torréis, cidade fantástica, que faz lembrar Veneza saindo da Laguna.

Outra tarde, são fogueiras ardentes que tancam para o céu a violência das suas fúrias, como vulcões em erupção de lava ardente.

Na tarde seguinte as mais suaves côtes do lilaz ao roxo tingem a abóbada celeste do mais requintado e doce colorido que pode sonhar uma alma de artista, enamorada do belo.

É o outono refulgente de dourados, arrastado como dolmática, as suas folhas que amanhã serão folhas mortas, afogadas em lama, mas que hoje são pedações de ouro que enchem de galas o outono.

Ao contemplar esta maravilha que é a orquia do verão e a aproximação do inverno, lembro-me de outro outono, o outono das mulheres bonitas que é a agonia da mocidade e a aproximação da velhice.

Marcel Prénost o grande escritor francês tem um romance intitulado «O outono dama mulher». É um outono martirizado pelo desejo de ser nova de ser feliz, de amar e de ser amada.

É este o erro, que faz doloroso o outono das mulheres. Essa magnífica estação da vida em que os cabelos brancos são as folhas douradas, em que a beleza começa a apagar-se a envolver-se nas neblinas da manhã e da tarde tem

prender que a beleza do outono está na sua dolmática dourada e não na verde tímica da primavera.



# PÁGINAS FEMININAS

maneira. Saber viver é saber adoptar-se às várias épocas da vida. Viver alegremente a infância e a mocidade, saber aceitar alegremente a meia idade, com as suas inúmeras vantagens, porque as tem, como tudo neste mundo, e saber encarar o outono com a alegria e a resignação com que a natureza o aceita.

É e é belo o outono sobretudo quando, como este ano de graça de 1935, é iluminado pelo sol, que faz brilhar as folhas douradas e causa as apoteoses de luz do cair da tarde. Essa maravilhosa sinfonia de cor, que é um pôr do sol, no outono, em Portugal.

Maria de Eça.

## A Moda

ESTAMOS em plena moda de inverno. Ainda que, o que aparece, no princípio das estações, não seja o que definitivamente marca, na estação toda como símbolo de elegância.

Há no entanto certas «toilettes» que se podem executar porque pelo seu carácter e pela sua simplicidade, são pouco sujeitas às mudanças bruscas da moda e em todas as modas têm o seu lugar bem nitidamente marcado.

Estão nesses casos os vestidos «tailleurs» que sejam clássicos, quer sejam de fantasia. Este género de vestidos embora influenciados pela moda têm mais duração na moda do que os vestidos de fantasia, que são mais sujeitos à transformação que de estação para estação se nota na maneira de vestir.

Nesse género de «toilettes» sempre tão práticas e quasi indispensáveis no guarda-vestidos de qualquer senhora que vista bem, damos um modelo que é elegantíssimo e dum sobriedade, que o torna aceitável para uma rapariga muito nova mas também pode ser usado por qualquer senhora.

Feito num lindo tecido castanho bronzeado, género «tweed», grosso e de muito agasalho faz uma linda «toilette» de inverno.

A saia muito bem cortada é completamente direita e bem no género alfaiate. O casaco acertado e com lindas bandas tem um corte esplêndido. Completam a «toilette» sapatos em pelica bronzeada e um feltro no mesmo tom. As luvas em pelica e a carteira em camurça são também cõe de bronze.

Como «tailleur» fantasia um outro modelo elegantíssimo e que oferece bastante novidade.

Compõe-se dum vestido em lá muito macia, azul Mediterrâneo, dum corte muito simples, fechado até acima abotoado com uns lindos botões fantasia com um cinto fechado por uma fivela no mesmo género e tendo na saia a guarnição de duas algeibeiras chamadas algeibeiras de Kanguari, em cabrito cinzento de mangas muito justas permitem que se vista sobre o vestido, o casaco a três quartos, guarnecido com a mesma pele. O chapéu é um «bretón» em veludo preto e as luvas são em grossa camurça natural.

Nos chapéus há grande variedade este ano. Uns são postos muito à frente, outros completamente atrás evêem-se muito os «bretóns», mas as «elches» estão ainda muito em favor.

É bom que assim seja porque melhor se pode escolher o que mais favorece. O modelo que hoje damos é um veludo preto e dum grande fantasia. Levantado atrás deixa a cabeça a descoberto que é guarnecida pelas abundantes pregas do véu de tule. Cada véu se usam mais os véus que são uma verdadeira guarnição dos chapéus.

Para a noite temos um elegantíssimo modelo em renda preta assente sobre setim preto.

Duma grande originalidade as mangas perdidas em renda que dão um ar de finas aças, que muito bem vão às silhuetas finas. O grande laço de renda que sae da cintura e as abundantes pregas da cauda dão um ar suave, a este vestido, que nada tem a guarnecê-lo senão a beleza da renda que o compõe.

## Higiene e beleza

A higiene das crianças é muito para atender e há mães que adorando os seus filhos, sendo extremosíssimas, desconhecem em abso-

luto os mais rudimentares preceitos de higiene infantil.

Para que uma criança tenha saúde e seja bonita é necessário, que tenha uma vida higiénica. A primeira coisa é deitar cedo as crianças e levantá-las cedo, ter o máximo cuidado com a sua alimentação e regularidade de horas. E sobretudo ter as crianças ao ar livre o mais tempo possível.

A melhor ginástica para a criança é dar-lhe uma bola e levá-la para um jardim. Deixá-la correr e todos os seus movimentos instintivos serão os melhores para a cultura física.

As crianças pequenas têm na liberdade de movimentos a verdadeira ginástica, e a única que devem fazer é a dança rítmica. A não ser que se trate de crianças anormais, que necessitem de ginástica médica. A criança saudável precisa apenas de ar livre e liberdade de movimentos.

## A mulher e a costura

TODA a rapariga deve ter na sua educação um curso de corte e de modista, embora seja rica, ou a profissão a que se dedica não lhe permita dedicar-se a coser.

A mulher tem obrigação de saber fazer os seus vestidos, saber coser, modificar, remendar. Nada mais prejudicial num lar do que a mulher que não sabe nada de costura.

Ainda que não seja senão para saber vêr, onde estão os defeitos dos vestidos, que manda fazer e saber como eles se modificam.

A mãe verdadeiramente cuidadosa com a educação de suas filhas não deve nunca esquecer isto, que é mais útil que tocar mal piano ou pintar detestavelmente. As artes devem deixar-se às vocações e na educação dum mulher não se deve nunca esquecer a parte prática e utilitária que depende muitas vezes a sua felicidade e a dos seus.

A arte feminina da costura é indispensável à mulher.

## Receitas de cozinha

«Castanhas glacês» Escolhem-se as castanhas boas e para cada porção, tiram-se necessárias 600 gramas de açúcar. Tira-se primeiro, às castanhas, a casca grossa, com a ajuda dum faca; e depois pêlam-se, mergulhando-as, durante o tempo que for necessário, em água morna, passando-as em seguida para água fria e escorrendo-se.

A pele deve poder tirar-se facilmente, sem que se ofenda a póipa. Faz-se uma calda, que deve ferver dez minutos; e deitam-se em seguida as castanhas dentro, onde ficam até ao dia seguinte, tirando-as então, para se pôr a apurar a calda até ao ponto antes de reboçar. Eis o momento em que será preciso as docieiras armarem-se de paciência. Põe-se a calda ao lado do lume para não esfriar e vão-se mergulhando nela as castanhas, uma a uma, colocando-as sobre uma peneira; repetem-se três vezes esta operação. Devem-se secar em sitio sem humidade nenhuma. Para que não fiquem brancas por dentro é preciso não se deixar levantar ferveria, quando não a primeira vez a calda. É deliciosa esta sobremesa e muito própria da época.

## Cristina da Suécia

Essa mulher que foi rainha e misteriosamente abandonou o seu trono e o seu reino, tendo dado com a vida estranha, com o seu aspeto varonil, com a sua maneira de ser independente e original, que não ficaria mal na nossa época, mas que tanto destoavam na sua origem a muitos romances e a um «film» que é a corça da célebre estrela Greta Garbo.

Mas nenhum dos romances que aproveitaram, souberam compreender esse carácter de mulher que uma esclarecida inteligência iluminava com o facto mais brilhante o da maior darividência e poética.

Para sua convivência ela preferia os sábios e literatos da sua época, aos guerreiros valentes,

mas ferozes da sua Pátria gelada e alva onde o seu espírito guerreiro tinha espalhado nessa época predominava.

Cristina da Suécia bem cedo se fatigou de reinar e deixando a sua Pátria, vagueou por toda a Europa, usando muitas vezes trajo masculino, porque então, muitos lugares eram vedados a senhoras de alta categoria e ela tinha a ância de tudo conhecer.

Acabou os seus dias em Roma onde tinha fixado residência. Converteu-se à religião católica dizendo: «E sem dúvida a melhor religião a que é inspirada pelo Divino Espírito Santo, visto que resiste a tantas perseguições e aos próprios erros dos seus representantes».

Essa mulher de talento que reconhecera a inutilidade de reinar e



era a capital imperial; para comemorar as virtudes de sua mãe.

Foram necessários dezasseis anos para a construir e foi terminada pelo sucessor de lung-lo. A torre era construída por desenhos octogonais e tinha oitenta metros de altura. Cada andar tinha uma borda saliente e de cada um dos oito ângulos pendia uma campainha. Toda a torre era feita de azulejos da mais pura porcelana branca e as bordas eram com desenhos verde. Em cada uma das oito fachadas de cada andar havia uma abertura, onde se colocava uma lampada e quando à noite as lampadas estavam todas acesas a sua luz — escreveu um historiador chinês — iluminava todos os seus

preferiu a vida livre e intelectual, acabou os seus dias virtuosamente, e, está sepultada na maravilhosa igreja de S. Pedro em Roma, onde o seu túmulo é muito visitado pelos suecos.

esplendendo no coração dos homens e escorçando eternamente a infelicidade humana». Por isso foi destruída.

## A torre de porcelana

A actual guerra civil da China tem feito muitos estragos no Celeste Império e dado ocasião a muitas destruições; mas muito pouco e muito mais destruidora foi a formidável rebelião de Raiping no século dezasseis.

Deve-se a essa revolta a destruição da célebre torre de porcelana de Nanquim. Foi comida pelo imperador lung-lo, quando Nanquim

## Pensamentos

Merece a graça de sofrer um dia pela justiça. A justiça triunfará e os que a amam triunfarão com ela.

É vulgar que as pessoas que se acham bastante fortes para as grandes adversidades, o sejam também para as grandes felicidades.



**Palavras cruzadas**

(Solução)

D	A	R	I	O	M	P	F	D	
M	N	S	A	R	A	M	A	G	O
S	A	R	D	O	I	P	R	L	
R	I	A	S	P	I	L	O	T	A
T	A	N	G	E	R	L	L	R	
N	E	D	E	L	O	S	C		
O	T	I	T	U	I	A	R	A	R
O	E	V	O	R	A	N	R		
A	A	O	M	A	G	A	N	O	
Z	A	G	A	L	O	T	E	A	E
E	A	V	O	O	L	A	I	A	
D	E	P	R	E	S	S	A	H	R
O	E	R	A	B	O	L	O	R	

**Bridge**

(Passatempo)

Espadas — A.  
Copas — A., R., D., 5, 4.  
Ouros — A., R., 3.  
Paus — 2.

Espadas — R., D.     **N**     Espadas — 9, 7, 6  
Copas — V., 10, 9,     **O**     **E**     Copas — 6.  
8, 7.     **S**     Ouros — D., V.,  
Ouros — 10, 9, 8.     7.  
Paus — — — — —     **S**     Paus — R., V., 7.

Espadas — 10, 3, 2.  
Copas — 3, 2.  
Ouros — 2.  
Paus — A., D., 9, 8.

Sem trunfo. S joga e faz 9 vasas.

(Solução do número anterior)

N joga o 8 de espadas; E deve cobrir com o 9 de espadas (se não cobrir, facilita o jogo de N). S corta com o 2 de ouros e joga o 10 de ouros. N balda-se ao 8 de paus e E ao 4 de paus. S joga o 7 de ouros, O balda-se ao 5 de



A criada nova (que entrara de manhã): — Vou-me embora!  
A dona da casa: — Ah! então adeus... e muito obrigada pela sua visita!



paus (deve guardar o 6 de espadas enquanto N tiver o 4 e o 3 de espadas), N balda-se ao 4 de copas e E ao 7 de copas.

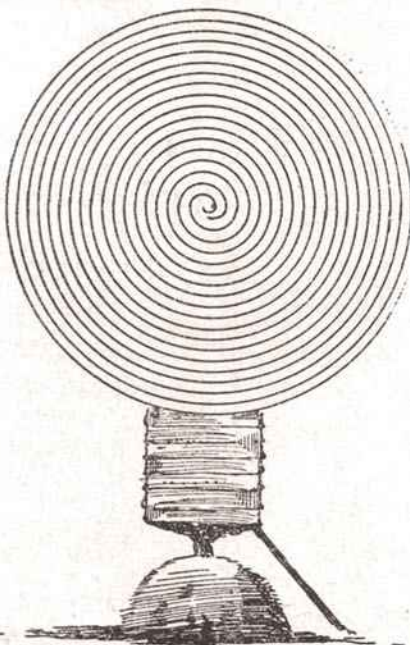
S joga o 3 de copas, fazendo N a vasa com o 8 de copas.

Se E se balda a paus, N joga o Valete de paus e fica firme o 2 de paus; se E se balda a espadas N joga o 3 de espadas e firma o 4 de espadas que tira depois de fazer o Valete de paus.

Se O se baldar ao 6 de espadas sobre o 7 de ouros de S, N baldar-se-á ao 4 de copas e E a qualquer carta.

S jogava o 3 de copas, N fazia o 8 de copas, jogava o 3 de espadas e firmava o 4 se E entrasse com o 10 de espadas, cortado por S com o 2 de ouros.

**O moinho que gira**



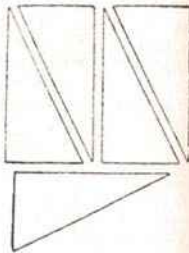
Segurando esta página e fazendo com o braço um movimento rotativo, fixando, ao mesmo tempo, a vista no centro dos círculos que momentaneamente substituem as aspas do moinho, no fim de dois segundos, vê-se-ão essas aspas, ainda mal determinadas, que andarão mais ou menos depressa, conforme o impulso que derem ao movimento do braço.

Há em todo o galanteio uma ladeira ingreme, pela qual o homem sobe sempre em atrevimentos e a mulher vai sempre descendo em concessões e facilidades. — J. Manuel de Macedo.

**Os cinco triângulos**

(Problema)

Pegue-se num paralelogramo de cartão que tenha de comprimento o dôbro da largura, e corte-se em duas partes, seguindo uma das suas diagonais.



Obtem-se dois triângulos rectângulos, semelhantes a qualquer dos que se vêem na figura junta.

Depois disso, pratique-se o mesmo noutros paralelogramos de cartão iguais, para se aproveitarem cinco desses triângulos. Com os cinco triângulos obtidos, embora pareça difícil, se não impossível, tenham a bondade de construir um quadrado. É permitido cortar um dos triângulos em dois pedaços; mas os outros quatro devem permanecer intactos.

**A origem do monóculo**

O monóculo é de origem inglesa. Nos princípios do século XIX, as autoridades militares inglesas proibiram terminantemente aos oficiais o uso de lunetas e de óculos, baseando-se em que tanto uns como outros davam aspecto pouco militar àquele que os usasse. A ordem teve de ser respeitada, causando bastante incômodo aos militares curtos de vista, até que um deles inventou o monóculo e principiou a usá-lo convencido de que não desobedecia à ordem, pois os monóculos nem são lunetas nem óculos, e daí a pouco espalhou-se o seu uso entre a oficialidade não só de Inglaterra como de outras nações e muito mais quanto, na opinião de quasi toda a gente, o monóculo dá um ar resoluto e atrevido a quem o usa, enquanto os óculos dão aspecto de fraqueza.

**O arquipélago europeu**

(Solução)

O arquipélago forma-se com as seguintes ilhas:

Oland (mar Báltico, na costa da Suécia). — Samos (mar Egeu, junto à Ásia Menor). — Man (mar da Irlanda, nas Ilhas britânicas). — Formentera (Mediterrâneo, ilhas Baleares). — Fehrman (Báltico, na costa da Alemanha cêrca de Kiel.

**Zonas de silêncio**

Um jornal francês, Paris-Midi, referindo-se a um fenómeno que chamára a atenção dos aviadores ingleses voando sobre o Egipto, e que era o facto de quando passavam por cima do vale dos reis, os seus aparelhos de T. S. F. deixarem de funcionar, chamava a esta região «Zonas de silêncio».

«Simples fenómeno de refração — escreve a este respeito um antigo artilheiro de África. Esse fenómeno tanto afecta as ondas eléctricas, como as ondas sonóras ou a luz. Um peixe, visto no fundo duma piscina e que se desloca no campo visual, deixa de ser visível logo que se encontre sob um certo e determinado angulo. Em Africa, nas areias ardentes de Gabès, perdíamos, de repente, de vista os cavaleiros e os canhões que nos precediam de 800 metros para os vêr, em seguida, no céu: miragem.

«A mesma lei de refração explica o mistério do vale dos reis. As zonas de silêncio existem em todos os países onde o solo seja escaldante...»



Uma interessante edição cinéfila

## AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

DE JÚLIO DINIZ

Edição ilustrada com 32 heliogravuras representando cenas com os personagens que figuram no filme extraído da notável obra do grande escritor e com uma carta prefácio de *Leitão de Barros*.

1 vol. de 332 págs., no formato de 26x18,5 esplendidamente impresso em bom papel, com uma lindíssima capa, brochado . . . . . **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

**Dr. Agostinho de Campos**

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — Alexandre Herculano, um volume. — Antero de Figueiredo, um volume. — Augusto Gil, um volume. — Camões lírico, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes. — Eça de Queirós, dois volumes. — Fernão Lopes, três volumes. — Frei Luís de Sousa, um volume. — Guerra Junqueiro, verso e prosa, um volume. — João de Barros, um volume. — Lucena, dois volumes. — Manuel Bernardes, dois volumes. — Paladinos da linguagem, três volumes. — Trancoso, um volume.

Em preparação: Camões lírico, 5.º volume.

Cada volume brochado. . . . . **12\$00**

Cada volume encadernado. . . . . **17\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75—LISBOA

## Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL  
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■■■

**Banhos de agua termal,  
Banhos de agua do mar  
quentes, BANHOS CAR-  
BO-GASOSOS, Duches,  
Irrigações, Pulverisa-  
ções, etc. — — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,  
Calor, Electricidade  
médica, Raios Ultra-  
violetas, DIATERMIA  
e Maçagens. — — — — —**

**MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS**



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

## Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA  
e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante  
da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as  
principais casas editoras de ESPANHA,  
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,  
ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"  
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros  
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques  
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

### PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório  
dos melhores fabricantes europeus e americanos

**TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO  
E FABRICO**

**DE CARIMBOS DE BORRACHA**

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

**LOURENÇO MARQUES**

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

## PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,  
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

**CASA FUNDADA EM 1874**

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo**

**Orçamentos Grátis**

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074



# OBRAS DE JULIO DANTAS

## PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ....	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AO OUVIDO DE M. <sup>me</sup> X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ....	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Confere- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confere- rência), 1 fol. ....	2\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ....	1\$50

## POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. ....	4\$00

## TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ....	3\$00
CHIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ....	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

## OBRAS DE SAMUEL MAIA

<b>Sexo Forte</b> — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. ....	8\$00
<b>Braz Cadunha</b> — 1 vol. br. ....	6\$00
<b>Entre a vida e a morte</b> — 1 vol. enc. 12\$00; br. ....	7\$00
<b>Luz perpetua</b> — 1 vol. enc. 12\$00; br. ....	7\$00
<b>Lingua de Prata</b> — 1 vol. enc. 13\$00; br. ....	8\$00
<b>Mudança d'Ares</b> — 1 vol. br. ....	10\$00
<b>Por terras estranhas</b> — 1 vol. br. ....	4\$00
<b>Meu (O) menino</b> — (3.ª edição), 1 vol. enc. 17\$00; br. ....	12\$00
<b>Manpal de Medicina Doméstica</b> , indispensável em todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profu- samente ilustrado, encadernado em percalina. ....	35\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

## À VENDA O 5.º MILHAR

JULIO DANTAS

## AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS — Pan e as mulheres — As inimigas do homem — Terceiro sexo — Jus sufragil — A mulher diplomata — As ideias de Madame Agata — A mulher soldado — Delegadas a Génèbra — As calças de Eva — O eleito das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Núpcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen prefer blondes — As revolucionarias do golfe — Jurisconsultos de saias — Eva standardizada — As sinistradas da beleza — É preciso ser bela para ser feliz? Mademoiselle Zuca — A idade dos joelhos — Nudistas : : — A dama do pijama verde — As amigas do homer : :

1 volume de 312 páginas, brochado 12\$00 — encadernado 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.<sup>ª</sup> Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosissimo volume ilustrado

**6\$00**

Depositária:

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

**ISALITA**

1 volume encader. com 351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA  
Médico dos hospitais de Lisboa

## O LIVRO DAS MÃES

# O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoeecer

1 vol de 326 págs., ilustrado, encad., 17\$00; broc., 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, 73, R. Garrett, 75 — LISBOA

As edições da **LIVRARIA BERTRAND**, encontram-se à venda na **Minerva Central** — Rua Consiglieri Pedroso  
Caixa postal 212 **LOURENÇO MARQUES**



# OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado **10\$00**

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- Aventuras do capitão Hatteras**, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte* 1 vol.
- 5 — 2.ª parte — *O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- Os filhos do capitão Grant**, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.ª parte — *América do Sul*. 1 vol.
- 10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico*. 1 vol.
- Vinte mil léguas submarinas**:
- 12 — 1.ª parte — *O homem das águas*, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
- 13 — 2.ª parte — *O fundo do mar*, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
- A ilha misteriosa**, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.ª parte — *Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15 — 2.ª parte — *O abandonado*. 1 vol.
- 16 — 3.ª parte — *O segredo da ilha*. 1 vol.
- Miguel Strogoff**, trad. de Pedro Vidoeira:
- 17 — 1.ª parte — *O correio do Czar*. 1 vol.
- 18 — 2.ª parte — *A invasão*. 1 vol.
- O país das peles**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20 — 2.ª parte — *A ilha errante*. 1 vol.
- 21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
- 22 — **As Índias Negras**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
- Heitor Servadac**, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.ª parte — *O catatismo cósmico*. 1 vol.
- 24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- Um herói de quinze anos**, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.ª parte — *A viagem fatal*. 1 vol.
- 27 — 2.ª parte — *Na África*. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões de Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribuições de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
- A casa a vapor**, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.ª parte — *A chama errante*. 1 vol.
- 32 — 2.ª parte — *A ressuscitada*. 1 vol.
- A jangada**, trad. de Pompeu Garrido:
- 33 — 1.ª parte — *O segredo terrível*. 1 vol.
- 34 — 2.ª parte — *A justificação*. 1 vol.
- As grandes viagens e os grandes viajantes**, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra*. 1.º vol.
- 36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra*. 2.º vol.
- 37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
- 38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
- 39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
- 40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
- Kériban, o Cabeçudo**, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari*.
- 44 — 2.ª parte — *O regresso*. 1 vol.
- 45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
- Matias Sandorff**:
- 47 — 1.ª parte — *O pombo correio*. 1 vol.
- 48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49 — 3.ª parte — *O passado e o presente*. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de loteria n.º 9:672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- Norte contra Sul**, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar*. 1 vol.
- 54 — 2.ª parte — *Justiça*. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- Dois anos de férias**, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.ª parte — *A escuna perdida*. 1 vol.
- 57 — 2.ª parte — *A colónia infantil*. 1 vol.
- Família sem nome**, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59 — 2.ª parte — *O padre Joan*. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
- César Cascabel**:
- 61 — 1.ª parte — *A despida do novo continente*, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
- 62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo*, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
- A mulher do capitão Branican**, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.ª parte — *A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64 — 2.ª parte — *Deus dispõe*. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
- A ilha do Hélice**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentos**, trad. de Higinio de Mendonça. 1 vol.
- A esfinge dos gélos**, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
- O soberbo Orenoco**, trad. de Aníbal de Azevedo:
- 73 — 1.ª parte — *O filho do coronel*. 1 vol.
- 74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
- 77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA



# Biblioteca de Instrução Profissional

## LIVROS DE CONSULTA E INSTRUÇÃO

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

### ELEMENTOS GERAIS

- Álgebra Elementar**, pelo prof. Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 296 pág. .... 13\$00
- Aritmética Prática**, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 384 págs. .... 13\$00
- Desenho Linear Geométrico**, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 192 págs., com 292 grav. .... 12\$00
- Elementos de História da Arte**, pelo prof. João Ribeiro Cristino da Silva — 1 vol. de 709 págs., com 641 grav. .... 25\$00
- Elementos de Mecânica**, pelo prof. Eugénio Estanislau de Barros — 1 vol. de 230 págs., com 141 grav. .... 12\$00
- Elementos de Metalurgia**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 424 págs., com 121 grav. .... 20\$00
- Elementos de Modelação de ornato e figura**, pelo prof. Joseph Füller — 1 vol. de 150 págs., com 69 grav. e 30 est. ... 12\$00
- Elementos de Projeções**, por João António Piloto — 1 vol. de 405 págs., com 351 grav. .... 18\$00
- Elementos de Química**, pela Direcção da Biblioteca de Instrução Profissional — 1 vol. de 330 págs., com 73 grav. .... 15\$00
- Escrituração Comercial e Industrial**, pelo prof. Severiano Ivens Ferraz — 1 vol. de 188 págs. .... 12\$00
- Física Elementar**, pelo prof. Mário Valdez Bandeira — 1 vol. de 304 págs., com 241 grav. .... 15\$00
- Geometria Plana e no Espaço**, pelo prof. A. Cunha Rosa — 1 vol. de 290 págs., com 273 grav. .... 15\$00
- O Livro de Português**, pelo prof. António Baião — 1 vol. de 220 págs. .... 12\$00

### MECÂNICA

- Desenho de Máquinas**, pelo prof. Tomaz Bordallo Pinheiro — 1 vol. de 336 págs., 283 fig. e 91 est. .... 30\$00
- Material Agrícola**, por H. Francem da Silveira — 1 vol. de 270 págs., com 208 gravuras .... 15\$00
- Nomenclatura de Caldeiras e Máquinas de Vapor**, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 280 págs., com 423 grav. .... 15\$00
- Problemas de Máquinas**, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 400 págs., com 170 grav. .... 18\$00

### CONSTRUÇÃO CIVIL

- Acabamentos das Construções**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 volume de 356 págs., com 168 grav. 17\$00
- Alvenaria e Cantaria**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 288 págs., com 337 grav. .... 15\$00
- Cimento Armado**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 632 págs., com 351 grav. .... 25\$00
- Edificações**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 260 págs., com 191 gravuras .... 15\$00
- Encanamentos e Salubridade das habitações**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 300 págs., com 157 gravuras. .... 15\$00
- Materiais de Construção**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 564 págs., com 300 grav. .... 30\$00
- Terraplenagens e Alicerces**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 230 págs., com 230 grav. .... 15\$00
- Trabalhos de Carpintaria Civil**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 400 págs., com 448 grav. .... 20\$00
- Trabalhos de Serralharia Civil**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 360 págs., com 442 grav. .... 18\$00

### CONSTRUÇÃO NAVAL

- Construção Naval**, IV volume (Construção de navios de ferro) pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 148 págs., com 298 grav., formato 16 x 22 ..... 12\$00
- Construção Naval**, V vol. (Armamento e acessórios dos navios de ferro), pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 130 págs., com 138 grav., formato 16 x 22 ..... 12\$00

### MANUAIS DE OFÍCIOS

- Condutor de Automóveis**, pelo eng. António Augusto Mendonça Taveira — No prelo.
- Condutor de Máquinas**, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 est. .... 25\$00
- Electricista (Novo Manual do)**, pelo eng. Hugo Pinto de Morais Sarmento — 1 vol. com 424 págs. e 246 grav. .... 25\$00
- Fabricante de Tecidos**, pelo eng. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 608 págs com 342 grav. .... 25\$00

- Ferreiro**, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 238 págs., com 115 grav. e 34 estampas ..... 15\$00
- Fogoeiro**, pelos eng. António Mendes Barata e Raul Boaventura Real — 1 vol. de 384 págs., com 318 grav. .... 18\$00
- Formador e Estucador**, pelo prof. Joseph Füller — 1 vol. de 196 págs., com 66 gravuras. .... 12\$00
- Fotógrafo**, por Antero Dâmaso das Neves — 1 vol. de 204 págs., com 31 grav. .... 12\$00
- Fundidor**, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 232 págs., com 146 grav. 15\$00
- Galvanoplastia**, por André Brochet, tradução de Manuel Véres — 1 vol. de 400 págs., com 148 grav. .... 18\$00
- Marceneiro**, por José Pedro dos Reis Colares — 1 vol. de 378 págs., com 299 grav. e 97 estampas. .... 20\$00
- Motores de Explosão**, pelo eng. António Mendes Barata — No prelo.
- Navegante**, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 308 págs. com 139 gravuras. .... 15\$00
- Pilotagem**, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 360 págs., com 119 gravuras. .... 17\$00
- Serralharia Mecânica**, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 412 págs., com 395 grav. .... 20\$00
- Topografia e Agrimensura**, pelo coronel Guedes Vaz e major Mousinho de Albuquerque — 1 vol. de 362 págs., com 238 grav. 18\$00
- Torneiro e Frezador Mecânicos**, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 307 págs., com 372 grav. .... 17\$00
- Vocabulário de Termos Técnicos**, pelo eng. maquinista Raul Boaventura Real — 1 vol. de 558 págs. .... 30\$00

### DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

- Indústria Alimentar**, por Pedro Prostes — 1 vol. de 180 págs., com 76 grav. .... 14\$00
- Indústrias de Fermentação**, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 180 págs., com 72 grav. .... 14\$00
- Indústria de Sabões e Sabonetes**, por António Rio de Janeiro — 1 vol. de 100 págs., com 26 grav. .... 10\$00
- Indústria do vidro**, pelo prof. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 232 págs., com 111 grav. .... 15\$00

*Todos estes livros são encadernados em percalina*

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - R. Garrett, 73-75 - LISBOA**





# O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis  
organizada por um grupo de professores e homens de letras

**À VENDA**

a 2.<sup>a</sup> edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

## O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a  
cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

**É um livro de tudo e para todos**

**dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,  
a quem o consulte, o esclarecimento desejado**

## O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de  
estudo e de consulta que deve existir em  
casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres  
e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, **NUM UNICO VOLUME**, manuseável,  
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, Rua Garrett, 73 — Lisboa



UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

# LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

**NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA**

COLECÇÃO METÓDICA DE

**7.113 RECEITAS**

**OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS**

Coordenação de SEAROM LAEL

## O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

## No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade  
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica  
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —  
Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais do-  
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação  
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas  
e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e  
passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-  
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

**A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!**

*Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . Esc. 30\$00*

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33\$00**

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND**

**73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**